

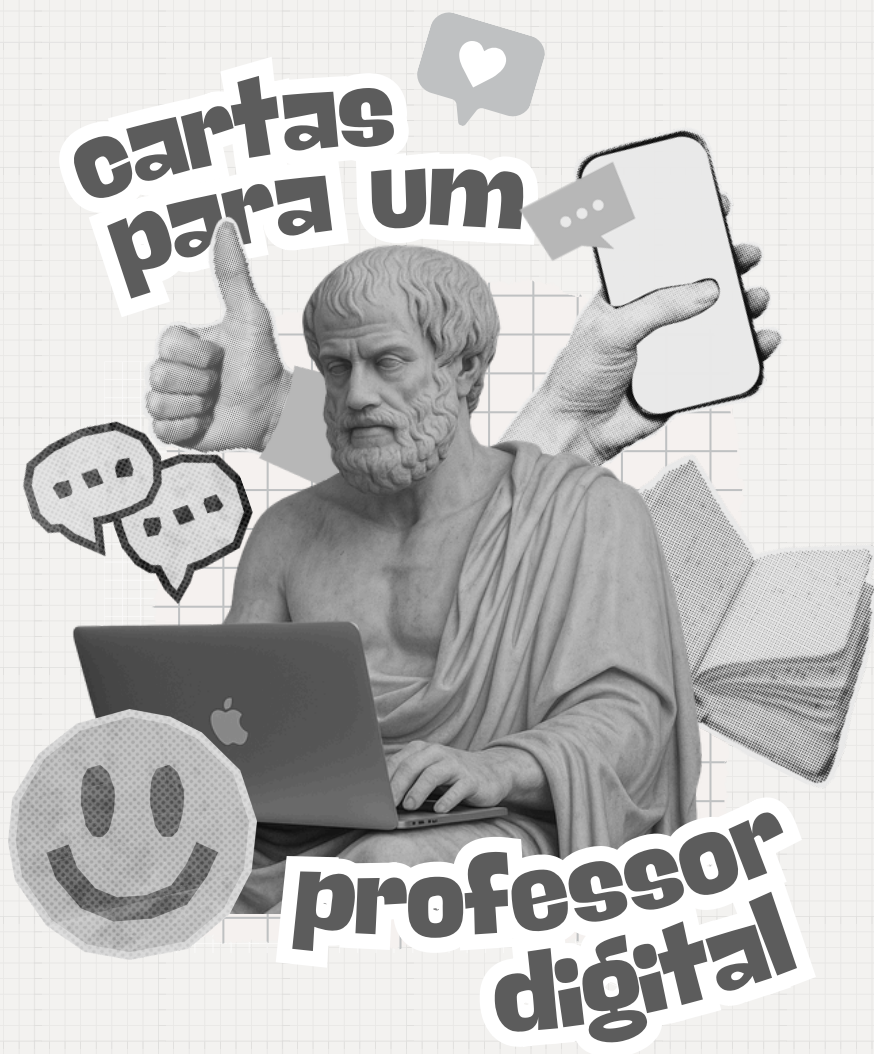


Dênis Júlio Pereira Francisco



Programa de
Pós-graduação
em Inovação
em Tecnologias
Educaçãoais

metrópole
DIGITAL



Dênis Júlio Pereira Francisco



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Francisco, Dênis Júlio Pereira

Cartas para um professor digital [livro eletrônico] /
Dênis Júlio Pereira Francisco. Natal, RN:
We Make Educação Tecnológica, 2026.
PDF

Bibliografia.

ISBN 978-65-980444-1-1

1. Cyberbullying 2. Educação - Filosofia 3. Ética
(Moral filosófica) 4. Reflexão (Filosofia) 5. Tecnologias
digitais I. Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. Ética: Filosofia

170

Suelen Silva Araújo Oliveira - Bibliotecária - CRB-8/11482

Cartas para um Professor Digital © 2026, de Editora We Make.
Produto Técnico vinculado ao Programa de Pós-Graduação em
Inovação em Tecnologias Educacionais (PPgITE) –
IMD/UFRN, resultado da pesquisa de Mestrado "Ciberética:
Investigando a Formação Ética dos Adolescentes no Uso das
Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação".

Título: Cartas para um Professor Digital

Autor: Dênis Júlio Pereira Francisco

Orientação: Prof^a. Dra. Adja Ferreira de Andrade

Validação Técnica (Revisão por Pares): Prof. Dr. Bruno
Ribeiro Nascimento (Filosofia/Ética) e Esp. José Antonio
Bezerra Junior (Design Instrucional)

Projeto Gráfico e Diagramação: Dênis Júlio Pereira Francisco
[Desenvolvido no Canva]

Editora We Make
Natal, Rio Grande do Norte, Brasil
contato@wemake.tec.br

Esta obra é um Recurso Educacional Aberto (REA),
desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Inovação
em Tecnologias Educacionais (UFRN). Está licenciada sob uma
**Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-
CompartilhaIgual 4.0 Internacional**



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA
4.0. Para ver uma cópia desta licença, visite:

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

SUMÁRIO

Prefácio.....	8
Introdução.....	10
Carta 1: A Névoa que nos Cerca.....	15
Carta 2: A Escola como Escudo.....	19
Carta 3: Muito Além do "Não Pode".....	25
Carta 4: Omissão vs. Coragem.....	30
Carta 5: Cumplicidade vs. Justiça.....	37
Carta 6: Desinformação vs. Verdade.....	43
Carta 7: Exposição vs. Respeito.....	50
Carta 8: Cancelamento vs. Amabilidade.....	56
Carta 9: Impulsividade vs. Temperança.....	62
Carta 10: A Bússola Definitiva.....	67
Canvas de Dilemas: Laboratório de Virtudes.....	74
Kit de Sobrevivência.....	82
Referências.....	97

A PESQUISA POR TRÁS DO LIVRO

Este livro que você tem em mãos não é fruto de meras opiniões ou de intuições pedagógicas isoladas. Ele é a materialização de mais de dois anos de pesquisa acadêmica institucionalizada no Programa de Pós-Graduação em Inovação em Tecnologias Educacionais (PPgITE), do Instituto Metrópole Digital, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, somados a anos de dedicação individual e prática docente voltada à observação do comportamento de crianças e adolescentes frente ao uso das tecnologias.

Esta obra nasceu originalmente como o Produto Técnico da dissertação de mestrado intitulada "Ciberética: Investigando a Formação Ética dos Adolescentes no Uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação".

Para compreender a fundo a Névoa Moral que muitas vezes paralisa e confunde nossos jovens no ciberespaço, fomos a campo. A pesquisa ouviu, testou e analisou as decisões morais de 259 estudantes, com idades entre 14 e 17 anos. Para garantir que o nosso diagnóstico refletisse a pluralidade e a complexidade do cenário educacional brasileiro, a amostra englobou cinco escolas de naturezas muito distintas, abrangendo o ensino público e a rede privada (com orientações pedagógicas laica, confessional e clássica), distribuídas por quatro estados do país: Rio Grande do Norte, Paraíba, Paraná e Santa Catarina.

O rigoroso cruzamento de dados quantitativos e as análises qualitativas de dilemas morais nos levaram a uma conclusão empírica incontestável: a atual educação digital, baseada unicamente nas regras (Deontologia) ou no medo das consequências (Utilitarismo), falhou em proteger e orientar nossos alunos. Nossos adolescentes carecem de uma educação formativa fundamentada na Ética das Virtudes e no desenvolvimento ativo da *Phronesis* (a Sabedoria Prática). Foi exatamente para preencher essa lacuna, instrumentalizando educadores e famílias para essa nova abordagem, que estas cartas foram escritas.

Caso você seja um pesquisador, educador, gestor escolar ou um leitor que deseja se aprofundar nos dados estatísticos, no referencial teórico, na metodologia aplicada e nos resultados integrais que fundamentam cada conselho deste material, ficaremos felizes em compartilhar o estudo completo.

Para ter acesso à dissertação de mestrado na íntegra, basta enviar um e-mail solicitando o documento para: **contato@wemake.tec.br**.

Aos meus filhos, Luísa e Joaquim, dedico cada linha
deste livro. Por meio dele, espero contribuir para a
construção de um futuro digital mais seguro para vocês.

PREFÁCIO

Gostaria de todos os educadores a se debruçarem sobre o nosso guia. Ele foi escrito sobre alguns dilemas que nós, professores, enfrentamos, e que, no formato de cartas, podemos conversar com o aluno, uma relação dialógica de reflexão ética e tomada de consciência.

A urgência de estudar esse tema, “Ciberética”, é pautada por buscarmos entender o porquê dessa falta de empatia e respeito entre os alunos no contexto educacional de forma virtual, infelizmente marcado por uma constante ausência de afeto, relações fragilizadas, bullying, violação de direitos e normas.

Quando há alguns anos eu quis pesquisar esse tema, eu buscava na Filosofia uma maneira de encontrar respostas para esses problemas. Mas Dênis foi mais adiante na sua pesquisa: ele encontrou, na ética aristotélica e das Virtudes, os valores que precisamos difundir entre nossos jovens para conviver eticamente no ciberespaço.

Descobriu que algumas teorias consequencialistas e baseadas em regras avaliam as ações em termos de resultados ou obrigações e que já não estavam funcionando de forma eficaz no mundo virtual.

Foi através de sua formação cristã e da sua busca como pesquisador que ele encontrou na Ética das Virtudes uma alternativa para o desenvolvimento do caráter moral e da vida ética no contexto escolar, argumentando que a “moralidade deve ser vista como um compromisso com o

florescimento humano e com o cultivo de disposições virtuosas que guiem nossas escolhas e ações”.

Gostaria de elogiar a sua trajetória acadêmica como pesquisador, seu percurso e seu compromisso ético foram sublinhados dentro e fora do trabalho.

O formato desse guia é leve, reflexivo e didático. O design realizado no Canvas e o conteúdo da área de Filosofia foram validados por especialistas. Agora ele precisa ser validado por você, leitor! Educador, professor, tutor, pai, mãe que queira refletir junto com o aluno sobre os riscos, os medos, as angústias de interagir nesse mundo virtual, mas também os caminhos e as possibilidades éticas e morais que temos.

Convido todos os leitores a mergulharem em suas cartas de forma reflexiva e estou segura de que encontrarão a *eudaimonia* (felicidade) que tanto desejamos nesse ciberespaço em que interagimos!

Prof.^a Dra. Adja Ferreira de Andrade

INTRODUÇÃO

Um convite à Ciberética

Caro colega professor,

Escrevo estas linhas porque imagino que você, assim como eu, já tenha se sentido um pouco perdido diante da tela. Não falo da dificuldade técnica de usar um aplicativo novo, conectar um projetor que insiste em não funcionar ou configurar o diário eletrônico: isso nós, educadores brasileiros, tiramos de letra com nossa habitual resiliência.

Falo de algo mais sutil e, por isso mesmo, mais inquietante. Falo daquela sensação incômoda de ver nossos alunos, tão ágeis com os dedos no *touchscreen*, tropeçarem nas próprias atitudes quando a luz da tela se acende.

Muitos os chamam de "nativos digitais", embora eu, particularmente, não seja adepto dessa terminologia. Dizem que eles já nasceram com o chip instalado. Mas, se formos honestos em nossa observação diária, perceberemos que essa fluidez técnica esconde uma fragilidade profunda. Eles sabem como postar, como curtir, como compartilhar e como viralizar. Mas, muitas vezes, não sabem o porquê. Dominam a ferramenta, mas parecem perdidos quanto ao propósito.

Quantas vezes você já presenciou um conflito que começou silencioso em um grupo de mensagens na madrugada e explodiu ruidosamente na sua sala de aula na

manhã seguinte? Ou viu um aluno brilhante, aquele que lhe dá um "bom dia" gentil e segura a porta para você passar, transformar-se em um *troll* cruel ou em um espectador omissivo diante de um linchamento virtual?

Essa dissonância entre o aluno presencial e o "adolescente digital" tem tirado o sono de muitos de nós. Durante muito tempo, tentamos resolver isso com a velha cartilha das regras e proibições. Criamos listas do "pode e não pode". "Não use o celular em sala", "proibido ofender o colega no grupo", "respeite a privacidade alheia". Convocamos palestras sobre crimes cibernéticos, bloqueamos sites no *Wi-Fi* da escola, ameaçamos com suspensões. Adotamos, enfim, uma postura quase policalesca, na esperança de que o medo da punição gerasse a ordem. Mas, cá entre nós: isso tem funcionado?

As regras, por mais bem intencionadas que sejam, têm um limite geográfico e temporal. Elas ficam na porta da escola ou guardadas na gaveta da coordenação. A vida digital do nosso aluno, porém, acontece no bolso, no quarto fechado, na madrugada solitária, onde nós não estamos olhando. Onde o "policial" não alcança.

Dediquei minha pesquisa de mestrado a investigar exatamente esse abismo. Centenas de adolescentes, de quatro Estados brasileiros, em duas regiões do nosso país, participaram desta empreitada. E o que descobri foi surpreendente: nossos alunos não sofrem de falta de informação. Eles sabem as regras. Eles sabem o que é "certo" e "errado" na teoria. Se você perguntar a eles num teste, eles gabaritam a questão sobre ética.

O problema não é cognitivo; é prático. O problema

é que, lá no mundo digital, uma espécie de névoa cobre a visão deles.

Gosto de pensar nessa situação lembrando de uma metáfora clássica da filosofia, que a cultura *pop* soube recriar muito bem. Platão (2017), em *A República*, nos conta a lenda do Anel de Giges. Era um anel que tornava seu portador invisível. Platão questionava: se um homem justo tivesse o poder de ficar invisível e, portanto, imune a qualquer punição, ele continuaria sendo justo? Ou a invisibilidade corromperia seu caráter?

Muitos séculos depois, J.R.R. Tolkien (2019) retomou essa ideia em *O Senhor dos Anéis*. O "Um Anel" (*The One Ring*) conferia invisibilidade, mas cobrava um preço alto: ele distorcia a mente de quem o usava, fazendo o mal parecer necessário ou até atraente.

Hoje, a internet entregou um "Anel de Giges" a cada um de nossos estudantes. A tela lhes confere uma sensação de invisibilidade e anonimato. Atrás do avatar, a empatia se dilui. O outro deixa de ser um ser humano com sentimentos e vira um conjunto de pixels, um *nick*, um alvo. Nesse ambiente, a moralidade que eles aprenderam em casa e na escola fica suspensa, como se estivessem vivendo em uma realidade paralela, numa *Matrix* onde as leis da física moral não se aplicam, onde ferir alguém não parece gerar sangue, apenas texto.

Essa é a Névoa Moral (*Moral Fog*). Quem joga videogames de estratégia conhece o termo *Fog of War* (Névoa de Guerra). É aquela área escura do mapa onde você não enxerga o terreno, não vê os inimigos e não sabe as consequências de seus movimentos até que seja tarde

demais. No ciberespaço, nossos alunos navegam nessa área cinzenta.

Minha pesquisa mostrou que, diante dessa névoa, eles não se tornam necessariamente maus. Eles paralisam. Como um computador travado, eles sofrem o que chamo de paralisia reflexiva. Eles sabem o que é o bem, mas não conseguem praticá-lo quando a pressão do clique, o medo do cancelamento ou a lealdade cega a um grupo batem à porta. Eles veem o *cyberbullying* acontecer e se calam, não por crueldade, mas porque não possuem a ferramenta interna para dissipar a neblina e agir.

É aqui que nós entramos. E é por isso que este livro existe. Este não é um manual técnico. Não trago aqui mais regras para você decorar ou impor. O mundo já está cheio de manuais que ninguém lê. O que trago nestas páginas é um convite para uma nova abordagem, que chamamos de Ciberética.

É um convite para pararmos de tentar ser os fiscais da internet e assumirmos nosso verdadeiro e insubstituível papel: o de mentores de caráter.

Se a internet dá a eles o poder do Anel, nós precisamos ser como *Gandalf* ou o *Tio Ben* do Homem-Aranha, lembrando-lhes incansavelmente que "com grandes poderes vêm grandes responsabilidades". Precisamos ensiná-los que a verdadeira coragem não é lutar sem medo, mas fazer o que é certo mesmo estando com medo.

Nas cartas a seguir, compartilho com você o mapa dessa jornada. Não falaremos de bytes ou softwares, mas de virtudes. Falaremos sobre como a Coragem vence a

omissão; como a Justiça supera a cumplicidade tóxica; como a Prudência nos salva da impulsividade do "enviar".

Vamos conversar sobre por que eles travam, por que a escola (o nosso *Ethos*, a nossa comunidade) é o escudo mais poderoso que eles têm e, principalmente, como podemos ajudá-los a desenvolver uma sabedoria prática (*Phronesis*, como diziam os gregos): uma bússola interna que funciona mesmo quando o sinal de *GPS* da autoridade externa desaparece.

Queremos formar alunos que sejam bons não porque estão sendo vigiados, mas porque escolheram ser. Alunos que saibam navegar nesse mar digital turbulento sem perder a sua humanidade.

Puxe uma cadeira. Prepare um café. Vamos conversar sobre como dissipar essa névoa.

Com estima e esperança,

Dênis Júlio

carta
um Alnévoa
que nos cerca



A Névoa que nos Cerca

Querido professor,

Vamos começar com um cenário que talvez lhe seja familiar. Imagine que um aluno da sua turma — vamos chamá-lo de Pedro — esteja em casa, à noite, rolando o feed de uma rede social. Pedro é um bom menino. Tira boas notas, devolve o lápis que cai no chão, respeita os inspetores. Se você perguntasse a ele na sala de aula: "Pedro, é correto humilhar um colega?", ele responderia com um sonoro e convicto "Não!". Ele conhece a regra. A teoria está na ponta da língua.

No entanto, naquela noite, a tela do celular de Pedro ilumina uma cena cruel. Um grupo de colegas criou uma montagem ridicularizando outro estudante da turma. Os comentários se acumulam: risadas, *emojis* de deboche, novas ofensas.

Pedro vê aquilo. Ele sente um desconforto no estômago. Ele sabe que aquilo é errado. Mas, diante da tela, Pedro não faz nada. Ele não defende a vítima. Ele não repreende os agressores. Ele não avisa para ninguém. Ele sequer deixa de seguir a página. Ele apenas desliza o dedo para cima e continua a ver o próximo vídeo.

Por que isso acontece? Será que Pedro é um hipócrita? Será que seus valores desaparecem quando o *Wi-Fi* conecta?

Minha pesquisa mostrou que não é nada disso. Pedro, assim como 80% dos estudantes que entrevistei em escolas públicas (e uma parcela imensa das privadas

também), não sofre de falta de caráter. Ele sofre de algo que os filósofos e pesquisadores chamam de Névoa Moral (COCKING; VAN DEN HOVEN, 2018).

Pense em dirigir um carro em uma estrada conhecida, mas sob uma neblina espessa. Você conhece as leis de trânsito. Você sabe o limite de velocidade. Mas você não consegue ver a estrada, nem os outros carros, nem o perigo logo à frente. Nesse momento, saber o código de trânsito de cor não o salva; o que você precisa é de prudência e habilidade para guiar no escuro.

O ambiente digital é essa estrada enevoadada. Ele é ambíguo por natureza. Lá, a ofensa não tem rosto. A lágrima da vítima não molha a mesa. Quando a violência acontece em *pixels*, a dor do outro fica abstrata, distante. E, nessa confusão sensorial e emocional, o cérebro do nosso aluno entra em uma espécie de curto-circuito. Ele trava. Ele sofre do que chamo de paralisia reflexiva.

Nós, professores, muitas vezes gastamos nossa energia ensinando o "o quê". Fazemos palestras sobre o que é *cyberbullying*, o que é crime digital, o que diz o regimento escolar. Mas a minha investigação revelou que eles já sabem o "o quê". O problema deles é o "como". Como agir quando o agressor é o garoto mais popular da escola? Como intervir quando tenho medo de que o alvo vire eu? Como não rir quando todo mundo diz que "é só meme"?

A abordagem tradicional, baseada apenas em regras, proibições e ameaças, o que na filosofia chamamos de Deontologia, falha miseravelmente aqui. A regra é fria e estática; o dilema é quente e dinâmico. A regra diz "não

faça o mal", mas ela não ensina a ter a coragem necessária para fazer o bem quando isso custa a sua popularidade.

Da mesma forma, o Utilitarismo (baseado no cálculo das consequências) também colapsa. Nós dizemos: "Pense nas consequências! Pense na dor do colega!". Mas, na névoa da internet, Pedro não vê a consequência. Ele não vê o colega chorando no quarto; ele só vê os *likes*, *emojis* e *haters*. A tela esconde o resultado da ação, tornando impossível para ele calcular o dano real.

Nesta primeira carta, meu convite é para mudarmos o nosso diagnóstico. O silêncio da nossa sala de aula sobre os problemas digitais não é apenas falta de tempo; é falta de ferramenta. Nossos alunos estão navegando em uma tempestade sem bússola interna. Eles têm o mapa (as regras), mas não sabem ler o terreno (a vida real).

Nas próximas cartas, vamos conversar sobre como construir essa bússola. Mas, por agora, o passo fundamental é este: acolher a dificuldade. Precisamos entender que, quando eles erram ou se omitem on-line, muitas vezes não é por maldade, mas porque estão perdidos na neblina, esperando que alguém acenda um farol.

E esse farol, colega, somos nós.

Um abraço,

Seu colega professor, Dênis Júlio

carta
dois

A Escola Como Escudo



A Escola como Escudo

Colega,

Você já deve ter ouvido aquela velha máxima de que "a internet é terra de ninguém". É uma frase repetida à exaustão em reuniões de pais e na sala dos professores, geralmente acompanhada de um suspiro de resignação. Sentimo-nos impotentes. Afinal, como podemos nós, confinados entre quatro paredes e um quadro branco, competir com o algoritmo que acompanha nosso aluno até a cama?

Parece uma batalha perdida antes mesmo de começar. Parece que, assim que o sinal toca e o portão da escola se abre, nossa influência se dissolve no ar como fumaça, e nossos alunos ficam à mercê de influenciadores, *trends* perigosas e grupos de mensagens onde a lei da selva impera. A sensação é de que a escola é uma ilha analógica cercada por um oceano digital turbulento, e que nossas muralhas não são altas o suficiente para conter a maré.



Mas eu tenho uma boa notícia para lhe dar. Uma notícia que não vem do meu otimismo, mas dos dados frios e duros que coletei durante minha pesquisa: **a escola viaja com o aluno.**

Ao analisar as respostas de centenas de estudantes em diferentes estados brasileiros e em tipos de escola muito distintos (da pública à privada, da laica à confessional, da moderna à clássica), percebi um padrão fascinante que derruba o mito da "terra de ninguém".

A tecnologia era a mesma para todos. Todos usavam

o mesmo Instagram, o mesmo WhatsApp, o mesmo TikTok. A faixa etária era a mesma; os hormônios da adolescência eram os mesmos. Mas o comportamento mudava radicalmente dependendo de onde eles estudavam. O "CEP escolar" mudava a ética digital. Deixe-me contar duas histórias que os dados revelaram, para que você visualize o que estou dizendo.

Visualize, primeiro, a "Escola X". É uma escola focada apenas no conteúdo técnico, no vestibular, no sucesso individual. Não há uma linguagem moral clara; as regras existem apenas para punir, não para formar. Meus dados mostraram que, nesse ambiente, a internet vira um campo de batalha. Quando um aluno é ofendido on-line, a resposta padrão é a vingança. "Se me xingaram, eu xingo de volta, e pior", me disse um estudante.

Identifiquei ali o que chamei na minha dissertação de Ciclo de Violência, que é conhecido na academia como a Teoria Geral da Tensão (AGNEW, 1992). Em resumo, a dor gera mais dor. O aluno agredido sente-se sozinho, desprotegido, e conclui que a única forma de sobreviver é sendo mais cruel do que o agressor. É o "olho por olho" digital, onde a escola não é sentida como um abrigo, mas apenas como o local físico onde os combatentes se encontram.

Agora, venha comigo para a "Escola Y". Esta é uma escola que cultiva uma identidade forte. Pode ser uma escola confessional que fala de amor ao próximo, ou uma escola clássica que ensina a honra e a virtude. O importante não é o rótulo, mas a comunidade. Ali, os valores não estão apenas escritos em cartazes bonitos no

corredor; eles me pareceram vivos.

Nesse ambiente, algo extraordinário acontece. O *cyberbullying* tenta entrar, é claro, a tecnologia é a mesma, mas ele encontra resistência.

Os alunos dessa escola demonstraram uma resiliência comunitária. Quando ofendidos, eles tendem a não revidar com ódio. Eles buscam apoio. Eles procuram o professor. Eles acolhem a vítima. Os dados mostraram que, nessas escolas, o impacto emocional da ofensa é sentido como mais leve. Por que? Porque o aluno não está sozinho.

Os gregos antigos tinham uma palavra perfeita para explicar esse fenômeno: *ethos*. Nós costumamos traduzir *ethos* como "ética" ou "costume", mas a palavra original tinha um significado muito mais profundo e bonito: ela significava "morada", "abrigo", ou ainda "costume" e "modo de ser". *Ethos* é o lugar onde nos sentimos em casa. É o ar que respiramos dentro de uma comunidade.

O *ethos* escolar é essa atmosfera invisível. É o modo como você corrige um aluno com respeito. É a maneira como os colegas se tratam no recreio. É o silêncio respeitoso quando alguém fala. É a celebração não apenas da nota alta, mas do ato nobre. O fato é que a pesquisa provou que esse *ethos*, quando é forte, funciona como um escudo invisível.

Quando o aluno dessa escola está sozinho em seu quarto, à meia-noite, por exemplo, e recebe uma mensagem de ódio ou um convite para participar de um linchamento virtual, ele carrega consigo a voz da sua comunidade. Ele hesita. Ele pensa: "Nós não fazemos isso."

Isso não é quem nós somos".

A escola, meu caro colega, não ficou no prédio de tijolos. Ela entrou no quarto com ele. A virtude que você ensinou na terça-feira de manhã virou a prudência que segurou o dedo dele na sexta-feira à noite.

E aqui, colega, reside o ponto mais desafiador e belo da nossa vocação: **o poder do exemplo**. Na tradição das virtudes, aprendemos a ser corajosos vendo alguém agir com coragem; aprendemos a ser justos observando a justiça em ação.

Seus alunos estão observando como você reage quando o computador trava, como você responde a um comentário ácido, como você lida com o erro. Antes de compreenderem o conceito de "temperança", eles precisam vê-la encarnada em você. Nós somos, inevitavelmente, o livro didático de moralidade mais lido por eles. Se nossa conduta on-line e off-line for íntegra, eles desejarão imitar essa integridade.

Por isso, não subestime o poder da sua sala de aula. Não caia na tentação de achar que, por não sermos *influencers* ou *youtubers*, somos irrelevantes. Pelo contrário. Em um mundo líquido e gasoso, onde os valores mudam a cada *trend* do TikTok, a escola sólida, com valores claros, torna-se o um porto seguro.

Muitas vezes achamos que, para resolver os problemas digitais, precisamos de mais tecnologia. Precisamos de softwares de monitoramento, câmeras, aulas avançadas de programação. Isso tudo é muito bom. Mas não precisamos apenas disso. O que precisamos, com urgência, é fortalecer o nosso *ethos*. Precisamos gastar

menos tempo configurando *firewalls* nos computadores e mais tempo configurando o "*firewall* moral" no coração dos nossos estudantes.

Se a sua escola for apenas um balcão de negócios onde se vende conteúdo, a internet do seu aluno será, de fato, terra de ninguém. Mas, se a sua sala de aula for uma comunidade moral, onde a virtude é ensinada, admirada, exigida e, acima de tudo, praticada por nós, ela será um escudo. Um escudo que protegerá seu aluno muito além dos muros do pátio, blindando-o contra a toxicidade de um mundo que esqueceu o que significa ser humano.

O desafio desta carta é um convite à construção: que tipo de "ar" estamos oferecendo para nossos alunos respirarem nas nossas manhãs e tardes? Porque é esse ar que eles levarão nos pulmões para tentar oxigenar, ou poluir, o ciberespaço.

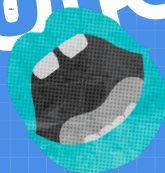
Vamos construir esse abrigo juntos.

Um abraço,

Seu colega professor, Dênis Júlio

carta
três

Muito Além
do "Não Pode"



Muito Além do "Não Pode"

Colega,

Eu espero que você esteja bem.

Você já se sentiu como se estivesse jogando aquele antigo jogo de parque de diversões, onde a gente precisa acertar com um martelo as toupeiras que brotam aleatoriamente de buracos no chão? Na nossa rotina escolar, a tecnologia tem nos colocado exatamente nessa posição ingrata.

Primeiro, a "toupeira" era o Orkut. Criamos regras sobre comunidades. De repente, o Orkut sumiu e surgiu o Facebook. Adaptamos as regras. Aí veio o WhatsApp e o caos dos grupos da turma. Fizemos novas regras. Depois veio o Instagram e a ditadura da imagem. Mais regras. Agora é o TikTok, o Discord, os *bets*, a Inteligência Artificial que faz o dever de casa...

A sensação é de exaustão. Estamos sempre correndo atrás do prejuízo. Estamos sempre reagindo. Para cada novo aplicativo que os desenvolvedores do Vale do Silício lançam, nós tentamos criar um novo "não pode". Não pode filmar em sala. Não pode usar o Chat GPT na redação. Não pode fazer *sticker* do professor. Mas, cá entre nós: nós estamos perdendo esse jogo.

Estamos perdendo porque a velocidade da inovação tecnológica é exponencial, enquanto a velocidade da nossa regulação é linear. Quando terminamos de imprimir o novo Código de Conduta Digital da escola e colamos no mural, ele já está obsoleto. O aluno já migrou para uma

rede social que nós sequer sabemos pronunciar o nome.

Se continuarmos apostando apenas na abordagem do "não pode" (a tal da Deontologia, que discutimos na primeira carta), estaremos condenados a ser eternos fiscais do passado, tentando controlar um futuro que nos escapa pelos dedos.

Precisamos de uma nova estratégia. Precisamos de algo que não dependa da atualização do software, mas que atualize o hardware humano. Precisamos de algo que viaje dentro do aluno, instalado em sua consciência, funcionando tanto no Instagram quanto no Metaverso ou em qualquer tecnologia que venha a ser inventada daqui a dez anos.

Os gregos antigos, curiosamente, já tinham a resposta para esse dilema moderníssimo. Aristóteles (1991) chamava essa ferramenta de *Phronesis*, que podemos traduzir como **Sabedoria Prática**.

Veja, não é a sabedoria de quem decora livros (isso é inteligência teórica). *Phronesis* é a sabedoria do piloto de navio no meio da tempestade. O piloto conhece o mapa, sim. Mas o mapa não diz a ele como aquela onda específica vai bater no casco agora. O mapa não diz como o vento mudou de direção no último segundo. Para não naufragar, o piloto precisa de algo mais do que regras fixas; ele precisa de discernimento, de sensibilidade, de capacidade de leitura do ambiente e de adaptação rápida para manter o rumo certo.

Isso é a *phronesis*. É a capacidade de olhar para uma situação nova, ambígua e complexa, como um dilema no

no grupo de WhatsApp, e saber qual é a coisa certa a se fazer, aqui e agora.

Pesquisadores contemporâneos, como Tom Harrison (que estudei a fundo na minha pesquisa), atualizaram esse conceito para o nosso século. Eles chamam isso de *Cyber-wisdom* (HARRISON et al., 2022), ou, em português, Sabedoria Digital.

A Sabedoria Digital não é saber programar em *Python* ou editar vídeos incríveis. Isso é habilidade técnica (*techné*). A Sabedoria Digital é saber por que, quando e como usar essas habilidades para o bem.

É o aluno que tem a habilidade técnica para criar um meme humilhante do colega, mas tem a Sabedoria Prática para escolher não fazê-lo. É o aluno que recebe uma *fake news* bombástica que confirma tudo o que ele pensa, mas tem a prudência de checar a fonte antes de repassar.

Ensinar essa sabedoria é muito mais difícil do que colar um cartaz de "Proibido Celular" na parede. Exige mais de nós. Exige que a gente pare de dar respostas prontas e comece a fazer perguntas melhores.

Em vez de dizer apenas "Não faça isso", precisamos perguntar: "Que tipo de pessoa você se torna quando posta isso?". Em vez de apenas bloquear o site, precisamos perguntar: "Que tipo de pessoa você se torna quando posta isso?". Em vez de apenas bloquear o site, precisamos questionar: "Como essa ferramenta ajuda ou atrapalha a nossa comunidade?".

O "Não Pode" é um freio externo; ele só funciona enquanto o carro está à vista do policial. A *phronesis* é um

freio e um volante internos; ela guia o motorista na estrada deserta, na neblina, na madrugada.

Nas próximas cartas, vamos descer do conceito para o chão da sala de aula. Vamos pegar os problemas mais comuns que enfrentamos, como a omissão, a fofoca, a mentira, e ver como a Sabedoria Prática se manifesta em cada um deles através de virtudes específicas.

A boa notícia, colega, é que a *phronesis* pode ser ensinada. Não como se ensina a tabela periódica, mas como se ensina a andar de bicicleta: com exemplo, com prática, com tombos assistidos e, principalmente, com alguém correndo do lado, segurando o banco, até que seja possível soltar.

Esse alguém é você.

Vamos começar o treino?

Um abraço,

Seu colega professor, Dênis Júlio

carta
quatro

Omissão vs.
Coragem

Omissão vs. Coragem

Caro colega,

Não se canse das minhas cartas. Nós temos muito o que fazer nesta missão de promover a Cidadania Digital.

Nas cartas anteriores, mapeamos o terreno: falamos sobre a Névoa Moral que cega nossos alunos, como o *ethos* da escola pode servir de escudo e como a Sabedoria Prática é a tecnologia que precisamos instalar neles. Agora, chegou a hora de encararmos o sintoma mais comum e, paradoxalmente, mais invisível dessa crise: o silêncio.

Você conhece esse silêncio. É aquele momento na sala de aula presencial quando você pergunta "Quem fez isto?" e trinta rostos se voltam imediatamente para baixo, encarando o caderno, torcendo para não fazer contato visual. Mas o silêncio digital é diferente. Ele não é apenas passivo; ele é um amplificador de danos.

Minha pesquisa revelou um dado que, confesso, foi o que mais me tirou o sono durante o mestrado. Quando confrontados com um ato de incivilidade on-line (imagine uma montagem humilhante de um colega circulando no grupo da turma, ou uma enquête cruel sobre a aparência de alguém), a reação da esmagadora maioria dos estudantes não é rir, nem apoiar explicitamente o agressor. A reação é... não fazer nada.

Cerca de 80% dos alunos que participaram da pesquisa nas escolas públicas (e um número igualmente alarmante nas privadas) assumem o papel do Espectador Passivo. Eles veem a notificação brilhar. Eles sentem o

desconforto no estômago. Eles sabem que aquilo está errado. Mas eles não curtem, não comentam, não denunciam à plataforma, não avisam a escola e não defendem a vítima. Eles apenas rolam a tela para baixo e seguem a vida.

É muito fácil para nós, adultos, julgarmos esses alunos do alto da nossa maturidade. É fácil chamá-los de covardes, insensíveis ou apáticos. Mas, se formos honestos e lembrarmos do conceito de Névoa Moral, entenderemos que eles não estão indiferentes; eles estão paralisados.

Essa paralisia não é acidental. Ela é fabricada por um fenômeno psicológico que a internet potencializa ao extremo: a difusão de responsabilidade. No mundo físico, se você vê alguém cair na sua frente numa rua deserta, você sente a pressão moral de ajudar, porque só tem você ali. Mas, num grupo de WhatsApp com 200 pessoas, o aluno pensa: *"Tem tanta gente vendo... alguém vai fazer alguma coisa. Por que eu tenho que me expor?"*. A tela dilui a responsabilidade em pixels microscópicos.

Além disso, eles sofrem do que chamamos de efeito manada. Cada aluno olha para a tela, vê que ninguém está reagindo negativamente, e assume (erroneamente) que todo mundo acha aquilo normal ou engraçado. Ninguém quer ser o chato que quebra o clima da "brincadeira".

O resultado dessa tempestade perfeita é uma massa de bons meninos e boas meninas que, pelo silêncio, permitem que a barbárie prospere. E precisamos ser brutalmente honestos com eles: no mundo digital, regido por algoritmos de engajamento, não existe neutralidade. O algoritmo não entende o silêncio como isenção; ele

entende como permissão. Quem cala consente, e quem não defende a vítima, acaba, involuntariamente, por fortalecer o agressor.

Há uma imagem poderosa na literatura clássica que ilustra a gravidade moral dessa postura, e que gosto de usar para chocar (no bom sentido) meus alunos mais velhos.

Na obra-prima *A Divina Comédia*, o poeta Dante Alighieri (2016) descreve sua jornada pelo inferno. Logo na entrada, no vestíbulo, antes mesmo de cruzar o rio Aqueronte para o inferno propriamente dito, ele encontra uma multidão incontável de almas miseráveis. Elas correm nuas, sem destino, picadas eternamente por vespas e moscas, chorando e sangrando.

Dante, horrorizado, pergunta ao seu guia, Virgílio, quem são aquelas pessoas e que crime terrível cometeram. Virgílio responde com um desprezo cortante: estes são os "ignavos". São as almas tristes daqueles que viveram "sem infâmia e sem louvor".

Eles não foram maus o suficiente para merecer os círculos inferiores, mas não foram bons o suficiente para merecer o céu. Diante dos grandes conflitos morais da vida, eles decidiram não escolher lado nenhum. Eles lavaram as mãos. Virgílio diz que a justiça e a misericórdia os desprezam, e que nem o inferno os aceita, pois os próprios condenados (que ao menos tiveram a coragem de fazer algo, mesmo que errado) se sentiriam superiores a eles.

É uma imagem brutal, eu sei. Mas ela ilustra perfeitamente o drama da **omissão digital**. Nossos alunos, aqueles que devolvem o troco na cantina e seguram a

porta para você passar, estão correndo o risco de se tornarem os "ignavos" do ciberespaço. Eles não clicam no botão de "enviar ódio", mas também não clicam no botão de "defender". E, nessa zona cinzenta, a vítima perece sozinha.

Então, colega professor, qual é a vacina para a epidemia da omissão? A resposta é a primeira grande virtude cardeal, sem a qual nenhuma outra funciona: a Coragem. Mas precisamos, urgentemente, redefinir o que é coragem para a Geração Z.

Eles cresceram vendo filmes de super-heróis da Marvel, onde coragem é um bilionário excêntrico vestindo uma armadura de alta tecnologia para lutar contra um exército alienígena. Isso não é a coragem da vida real. Isso é fantasia e efeitos especiais.

A coragem digital é muito mais sutil, silenciosa, ingrata e difícil. A coragem digital não é a ausência de medo. É estar morrendo de medo de ser excluído do grupo do WhatsApp, de perder seguidores, de virar o próximo alvo da piada e, mesmo assim, agir porque é o certo a fazer.

Para ensinar essa virtude, gosto de recorrer a um exemplo da cultura pop que dialoga diretamente com o universo deles. Lembra da saga Harry Potter? No clímax do primeiro livro, os heróis Harry, Rony e Hermione estão prestes a sair escondidos da sala comunal da Grifinória no meio da noite para tentar impedir o vilão Voldemort de roubar a Pedra Filosofal. Eles estão quebrando regras para salvar o mundo.

Mas alguém tenta impedi-los. Não é um inimigo; é o

amigo deles, o atrapalhado e tímido Neville Longbottom.

Neville fica de pé diante dos três amigos mais populares e corajosos da escola e diz, tremendo, que não vai deixá-los sair, porque eles vão meter a Grifinória em apuros novamente. Ele está aterrorizado, mas ele se mantém firme em sua posição moral. (Hermione, infelizmente, tem que petrificá-lo com um feitiço para poder passar, mas a intenção de Neville estava lá).

No final da história, no grande banquete onde o diretor Dumbledore está distribuindo os últimos pontos que definirão a casa campeã, ele profere uma frase que resume perfeitamente a virtude que precisamos ensinar em nossa Ciberética: "É preciso ter muita coragem para enfrentar nossos inimigos, mas igual coragem para enfrentar nossos amigos" (ROWLING, 2000).

Dumbledore dá a Neville os pontos decisivos que garantem a vitória da Grifinória. Ele reconhece que a coragem de enfrentar o próprio grupo, de ser a voz dissonante entre os seus pares, de arriscar a própria aceitação social em nome do bem coletivo, é talvez a forma mais pura e difícil de bravura moral.

É essa a coragem que precisamos cultivar. Precisamos mostrar aos nossos alunos que eles não precisam ser o Homem de Ferro. Eles precisam ser como o Neville. Precisamos ensinar que a coragem não precisa de um megafone. Às vezes, a coragem é apenas um sussurro numa mensagem privada.

A coragem digital é estar em um grupo onde a zoação passou do limite e ser a única pessoa a digitar: "Galera, isso já deu. Não tem graça". A coragem digital é

ver a vítima isolada no recreio no dia seguinte ao ataque virtual e ir sentar ao lado dela, rompendo o cordão sanitário da exclusão social. A coragem digital é mandar uma *direct message* (DM) para quem foi humilhado dizendo: "Ei, eu vi o que fizeram. Eu não concordo. Você está bem?".

Para isso, colega, precisamos desmontar a maior barreira para a coragem adolescente: o medo de ser o "X-9", o "dedo-duro", o traidor.

Precisamos gastar tempo em sala de aula ensinando a diferença crucial entre dedurar (falar para colocar alguém em apuros) e reportar/ajudar (falar para tirar alguém de apuros). Se um amigo está dirigindo bêbado, tirar a chave dele não é traição, é um ato de amor e coragem. No digital, é a mesma coisa. Se um amigo está destruindo a reputação de outro (ou a própria), intervir não é traição.

Nosso trabalho é transformar os **espectadores passivos** em **defensores ativos** (os chamados *upstanders*). Se conseguirmos fazer com que apenas 10% daquela maioria silenciosa decida agir, mudamos a balança de poder do ciberespaço. O agressor só tem poder enquanto a plateia o valida com seu silêncio.

A omissão é confortável, segura e quentinha. A coragem é fria, incômoda e arriscada. Nosso papel de mentores é segurar a mão do aluno e ensiná-lo a suportar esse desconforto em nome da sua própria humanidade.

Um abraço corajoso,

Seu colega, Dênis Júlio



Cumplicidade vs. Justiça

Caro colega,

Na carta anterior, falamos sobre enfrentar a multidão, romper o silêncio e ter a coragem de não ser omissos. Mas, se formos sinceros um com o outro, admitiremos algo: enfrentar um inimigo, um estranho ou um *troll* anônimo é, comparativamente, fácil. O sangue ferve, o senso de justiça desperta, a adrenalina sobe e agimos. O inimigo está lá, do outro lado da trincheira.

O verdadeiro *boss* final da ética digital, e o ponto onde a maioria dos nossos alunos, mesmo os mais brilhantes, vêem sua bússola moral desmagnetizar, é outro. É quando o agressor não é o valentão da turma, mas o melhor amigo deles.



Durante a minha pesquisa, houve um momento decisivo. No questionário, eu apresentei aos estudantes um dilema simples, mas devastador: "E se a pessoa que praticou o *cyberbullying* fosse o seu melhor amigo? O que você faria?". Foi nesse momento que os dados sofreram um terremoto.

Aquelas mesmas turmas que, no cenário abstrato, defendiam a justiça, a bondade e a coragem, de repente entraram em colapso. A Névoa Moral tornou-se espessa e sufocante. Muitos alunos que antes diziam "eu denunciaria", agora escreviam: "eu não faria nada", "eu fingiria que não vi". A justificativa recorrente? "Amigo não trai amigo."

Aqui, colega, nós esbarramos na força mais

poderosa e biológica da adolescência: a lealdade.

Para um adolescente, pertencer a um grupo não é apenas uma preferência social; é uma questão de sobrevivência emocional. O medo da exclusão é visceral. Por isso, eles desenvolvem códigos de honra rígidos, tribais, muito semelhantes ao que sociólogos observam em gangues ou, para usar uma referência cinematográfica clássica, na Omertà: o código de silêncio da máfia em O Poderoso Chefão (PUZO, 2020). A regra número um desse código é: proteja os seus, certo ou errado.

Quando esse código tribal encontra o mundo digital, ele gera uma cumplicidade tóxica. O aluno vê o melhor amigo compartilhando "nudes" de uma garota, ou criando um perfil falso para atacar um professor, ou humilhando um colega no Discord. Ele sabe que é errado. O estômago dele revira. Mas ele se cala. Não porque concorde com o ato, mas porque sente que, se falar algo, estará cometendo o pecado capital da adolescência: a traição. Eles confundem, tragicamente, lealdade com conivência.

Nosso desafio pedagógico aqui é imenso. Não adianta apenas dizer "seja justo". Precisamos ajudá-los a redefinir o próprio conceito de amizade. Precisamos ensinar que a verdadeira amizade não é passar a mão na cabeça enquanto o amigo se atira no abismo; a verdadeira amizade é segurá-lo, mesmo que isso doa.

A resposta para esse dilema reside na segunda grande virtude cardeal: a Justiça. Mas ensinar Justiça é difícil porque, aos olhos de um adolescente de 15 anos, ela parece fria. Parece o oposto do afeto. Precisamos mostrar a eles que, na verdade, a Justiça é a forma mais alta de

amor.

Gosto de recorrer à filosofia clássica para iluminar isso. Há uma frase histórica de Aristóteles, que tinha uma estima, respeito e um amor imensos por seus amigos. Mas, quando a verdade estava em jogo, Aristóteles teria dito: "é mesmo nosso dever destruir o que mais de perto nos toca a fim de salvaguardar a verdade, especialmente por sermos filósofos ou amantes da sabedoria; porque, embora ambos nos sejam caros, a piedade exige que honremos a verdade acima de nossos amigos" (ARISTÓTELES, 1991, p.10).

Essa não é uma frase de traição; é uma frase de justiça. Aristóteles estava dizendo que a base da amizade deles não era a bajulação mútua, mas a busca pelo que é Bom e Verdadeiro. Se eu deixo meu amigo viver uma mentira ou cometer uma injustiça, eu não sou amigo dele; sou cúmplice da sua degradação. Justiça, por tanto, é você dar aquilo que é de direito para quem é devido.

Como traduzimos isso para a linguagem do século XXI, para a geração do TikTok? Gosto de usar uma metáfora que funciona sempre em sala de aula, pois toca na questão da saúde e do cuidado, algo que todos entendem.

Pergunte à sua turma: "Imaginem que seu melhor amigo tem uma alergia muito grave a um determinado alimento (como camarão ou amendoim). Se ele comer, ele para de respirar. Vocês estão numa festa e, por distração ou teimosia, ele pega exatamente esse alimento para comer. Quando você avisa, ele diz que só um pedacinho não tem problema, e pede para você não se meter. O que é o ato de

verdadeira amizade aqui?"

- **Opção A (Lealdade Cega):** Você deixa ele comer, porque "amigo respeita as decisões do outro", e assiste ele passar mal.
- **Opção B (Lealdade Virtuosa):** Você tira o alimento da mão dele, joga longe, enfrenta a raiva dele na hora, mas salva a vida dele.

A resposta é unânime. Todos entendem que a Opção A não é amizade; é negligência. Deixar o amigo comer o veneno é um abraço de afogado: a omissão machuca quem a gente ama. Tirar o alimento é salvar o amigo dele mesmo.

No mundo digital, colega, a dinâmica é idêntica. Quando um amigo está cometendo um crime digital, destruindo a reputação de alguém ou expondo a própria intimidade, ele está agindo como o alérgico que quer comer o que o mata. Ele está intoxicado pela impulsividade, pela busca por *likes* ou pela raiva. Ele não está em seu juízo perfeito. Ele está prestes a engolir algo que vai fechar a garganta da sua vida social e escolar.

A intervenção ética (confrontar o amigo, exigir que ele apague o *post*, sair do grupo onde a ofensa acontece e, se necessário, buscar ajuda de um adulto) não é "traição". É o remédio amargo. É impedir o choque anafilático da reputação dele.

Minha pesquisa mostrou que os alunos que conseguiram escapar da armadilha da cumplicidade foram aqueles que entenderam que a justiça vem antes da popularidade. Nosso papel, como professores-mentores, é

validar o sofrimento deles. Não podemos diminuir o custo social dessa decisão. Diga a eles: "Eu sei que é difícil. Eu sei que dá medo de ser chamado de traira. Eu sei que o coração aperta".

Mas, em seguida, precisamos dar a eles o *script*, as palavras certas para usar, a "tecnologia" da virtude. Eles precisam saber como tirar o amendoim sem parecer arrogantes.

Podemos ensiná-los a dizer: "Cara, eu gosto muito de você, você é meu irmão. E justamente por ser seu amigo, eu não posso deixar você postar isso. Isso vai dar ruim para você e é injusto com ela. Apaga isso agora, por favor". Ou, em casos mais graves: "Eu prefiro que você fique com raiva de mim hoje, mas esteja salvo amanhã, do que ver você destruir sua vida e a de outra pessoa".

Isso é Justiça. Isso é Coragem. E, acima de tudo, isso é a prova de uma amizade verdadeira. O cúmplice ajuda a esconder o corpo; o amigo impede o crime.

Vamos ajudá-los a ver a diferença?

Um abraço leal,

Professor Dênis Júlio



carta
seis

Desinformação vs. Verdade

Desinformação vs. Verdade

Caro professor,

Escrevo-lhe hoje com uma sensação que talvez você compartilhe: a de estarmos perdendo o chão sob nossos pés. Durante séculos, a escola foi o templo das certezas. Nós ensinávamos que a Terra é redonda, que a água ferve a 100 graus, que 1945 foi o fim da Segunda Guerra. Havia debates, claro, mas havia um terreno comum de fatos sobre o qual construíamos o conhecimento. Hoje, sinto que esse terreno está rachando.

Você já teve a experiência de corrigir um aluno sobre um fato histórico ou científico e vê-lo puxar o celular para provar que você está errado com um vídeo de 15 segundos do TikTok? Ou já recebeu, no grupo da turma, uma notícia tão absurda que parecia uma paródia, mas que estava sendo compartilhada como verdade absoluta, gerando pânico ou ódio?

Nós entramos na era da Pós-Verdade. E o problema não é apenas que a mentira existe, pois mentiras sempre existiram. O problema é que a mentira se tornou industrializada, "algoritmizada" e, pior, personalizada.

Minha vivência em sala de aula mostram que nossos alunos estão sendo bombardeados por uma tempestade de desinformação que vai muito além das *Fake News* políticas. Falo da "cola" feita com Inteligência Artificial (IA) que simula a escrita humana; falo dos filtros de Instagram que deformam a autoimagem e vendem uma beleza inatingível; falo dos boatos digitais que destroem reputações em

minutos; e falo, com temor, da chegada dos *Deepfakes*: vídeos falsos tão perfeitos que nos fazem duvidar dos nossos próprios olhos.

Diante disso, a reação instintiva da escola tem sido, mais uma vez, técnica. Ensinamos *Fact-Checking* (checagem de fatos). Ensinamos a olhar a fonte, a data, o autor. Isso é útil? Sem dúvida. Mas é suficiente? Receio que não. O problema da desinformação não é técnico; é moral.

Nossos alunos não compartilham mentiras porque não sabem checar fontes. Eles compartilham porque a mentira confirma o que eles querem acreditar. Eles compartilham porque a mentira gera *likes*. Eles compartilham porque a verdade é, muitas vezes, chata, complexa e não viraliza.

Há uma cena magistral na minissérie Chernobyl, da HBO, que resume perfeitamente o nosso dilema. Na cena final, o cientista Valery Legasov, que investiga as causas do desastre nuclear, faz um discurso devastador diante do tribunal soviético. Ele diz: "O que são as mentiras? Elas não são apenas o oposto da verdade. Cada mentira que contamos incorre em uma dívida com a verdade. Cedo ou tarde, essa dívida é paga" (MAZIN, 2018).

A explosão do reator não foi apenas um acidente de engenharia; foi o resultado de anos de mentiras estatais, de relatórios falsificados, de vaidades protegidas. A realidade foi ignorada até o momento em que a realidade (a física nuclear) explodiu.

No microcosmo da nossa escola, o "custo das mentiras" também é alto. Quando um aluno usa o Chat GPT para escrever uma redação inteira e assina como sua,

ele não está apenas burlando o sistema. Ele está contraindo uma dívida com a própria inteligência. Ele está sabotando a única coisa que a escola pode lhe dar: a capacidade de pensar. Quando um aluno espalha um boato falso sobre um colega, ele está contraindo uma dívida com a verdade, e o pagamento costuma ser a destruição de uma vida social.

Então, qual é a virtude que precisamos resgatar urgentemente? É a Honestidade (ou Veracidade). Mas não a honestidade simplória do "não mentir para a mãe". Precisamos falar da honestidade aristotélica. Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles descreve a virtude da Veracidade (*alétheia*) como um meio-termo. O homem veraz é aquele que ama a verdade e a respeita tanto em sua vida quanto em suas palavras. Ele não exagera (fanfarronice) nem se diminui falsamente (falsa modéstia). Ele tem um compromisso com o real.

Para os gregos, a verdade não era apenas uma concordância lógica; era um traço de caráter. Aristóteles dizia que o homem que ama a verdade é "veraz" mesmo quando nada está em jogo (ARISTÓTELES, 1991, p.92). Ou seja, ele não mente nem por conveniência, nem por preguiça.

Como traduzimos isso para a geração que vive na Matrix? Gosto de usar a metáfora do filme Matrix porque ela é perfeita para explicar o conforto da desinformação. No filme, o personagem Cypher trai seus amigos porque quer voltar para a Matrix. Ele sabe que o bife que ele come lá é falso, que é apenas um código de computador enviando sinais ao seu cérebro. Mas ele diz: "A ignorância é uma bênção". Ele prefere a mentira deliciosa à verdade

difícil do mundo real.

Nossos alunos são tentados a ser Cypher todos os dias. A mentira diz: "Você é perfeito, não precisa mudar". A verdade diz: "Você tem falhas e precisa melhorar". A mentira diz: "O mundo é simples, nós somos os bons e eles são os maus". A verdade diz: "O mundo é complexo e cheio de nuances". A mentira diz: "Copie e cole este texto, o professor não vai notar". A verdade diz: "Escrever dá trabalho, mas é assim que se aprende".

Ensinar a virtude da Honestidade no mundo digital é ensinar a amar a pílula vermelha (ainda em referência ao filme Matrix). É ensinar a ter a coragem de encarar a realidade, mesmo quando ela não nos agrada.

Isso exige o desenvolvimento de uma sub-virtude essencial: a Prudência Intelectual (ou Humildade Intelectual). Precisamos ensinar nossos alunos a dizerem três palavras mágicas que estão em extinção na internet: **"eu não sei."**

Na economia da atenção, todos têm que ter uma opinião sobre tudo, imediatamente. Se acontece uma guerra do outro lado do mundo, espera-se que o adolescente poste uma bandeira e um texto de repúdio em cinco minutos. Isso gera impulsividade e erro. A Prudência Intelectual é a capacidade de frear. É a sabedoria de dizer: "Eu não li o suficiente sobre isso para opinar". "Eu preciso checar essa informação antes de passar para o grupo".

Como professores, precisamos criar em sala de aula uma espécie de "Laboratório de Verdade". Em vez de apenas proibir o celular, que tal usá-lo para uma autópsia da mentira? Pegue uma notícia falsa que circulou na escola

e disseque-a com eles. Não mostre apenas que é falsa, mas pergunte: Por que alguém criou isso? O que essa pessoa ganha? O que nós sentimos quando lemos isso? Por que tivemos vontade de acreditar?

Precisamos mostrar que ser honesto on-line é um ato de rebeldia. Em um sistema desenhado para nos viciar em engajamento e emoções baratas, parar para pensar e checar os fatos é um ato revolucionário.

Um exercício prático que gosto de fazer é o "Desafio do Curador". Explico aos alunos que, antigamente, a informação era escassa, e o problema era encontrá-la. Hoje, a informação é um tsunami, e o problema é filtrar o lixo. Digo a eles que cada um é o curador do seu próprio museu digital (seu perfil). E pergunto: "Você colocaria uma obra falsificada na parede do seu museu? Você colocaria lixo no chão da sua galeria? Então por que você compartilha algo sem saber se é real?".

Quando eles entendem que a mentira corrói algo mais valioso que a imagem externa: a própria verdade, e a capacidade de serem confiáveis, a chave vira. A Honestidade deixa de ser uma regra chata imposta pelo professor e passa a ser uma questão de integridade interior. O aluno percebe que, ao amar a verdade, ele se torna o tipo de pessoa em quem os outros podem confiar. A boa reputação virá, mas apenas como consequência natural de um caráter sólido.

Colega, a batalha pela verdade não será vencida pelos algoritmos de *fact-checking* das grandes empresas de tecnologia. A batalha será vencida, ou perdida, na consciência de cada um dos nossos alunos.

Se conseguirmos formar uma geração que sente um incômodo físico ao compartilhar algo duvidoso; uma geração que valoriza a autoria própria mais do que a nota fácil da IA; uma geração que entende que a verdade é o oxigênio da convivência humana... então teremos cumprido nossa missão.

O custo das mentiras é alto demais. Vamos ensiná-los a pagar o preço da verdade.

Um abraço verdadeiro,

Seu colega, professor Dênis Júlio

carta
sete

Exposição
vs. Respeito

Exposição vs. Respeito

Caro colega,

Escrevo esta carta com um certo peso no coração, pois o assunto de hoje toca na dignidade mais profunda dos nossos alunos. Se nas cartas anteriores falamos de mentiras virtuais ou omissões, aqui falamos do roubo da própria imagem.

Você já percebeu como a arquitetura da privacidade desmoronou? Antigamente, a escola tinha espaços de "palco" (a sala de aula, o pátio) e espaços de "bastidor" (o banheiro, o segredo cochichado, o diário cadeado). Hoje, o bastidor desapareceu. Tudo é palco. Tudo é conteúdo.

Tenho certeza de que você já lidou com o choro desesperado de uma aluna (ou aluno) que teve uma foto íntima vazada no grupo da turma. Ou já teve que intervir quando surgiu uma conta de *exposed* no Instagram, dedicada a revelar segredos, expor ficadas ou ridicularizar a aparência física dos estudantes da sua escola.

Minha pesquisa e os relatórios recentes da SaferNet (2024) mostram uma tendência aterrorizante: a banalização da exposição. Para muitos adolescentes, a intimidade do outro não é um território sagrado; é apenas um *asset*, um ativo digital, uma figurinha rara para ser trocada por status ou risadas no grupo. O corpo do colega vira pixel. A dor da exposição vira *memé*.

E o mais grave: a tecnologia agora permite violar a intimidade até de quem nunca se expôs. Estamos vendo a chegada dos *deepfakes* nas escolas, onde a Inteligência

Artificial (IA) arranca a roupa de alunas em fotos normais. A violação não exige mais o "erro" da vítima; ela é fabricada pela maldade do agressor.

Diante disso, a nossa reação pedagógica padrão tem sido o medo. Dizemos: "Cuidado! Não mande fotos! A internet não esquece!". Isso é um conselho prático, sim. Mas é eticamente insuficiente.

Quando focamos apenas em dizer à vítima para "se proteger", estamos, sutilmente, culpabilizando-a. Estamos dizendo que, se ela for exposta, a culpa foi da imprudência dela, e não da maldade de quem vazou. Estamos ensinando medo, não virtude. Precisamos mudar o foco do ensino. O problema moral não está (apenas) em quem tira a foto; está em quem a compartilha. Está nos olhos de quem vê.

Há um mito grego antigo, narrado pelo poeta Ovídio (2017), que ilustra tragicamente o custo dessa curiosidade invasiva. É a história de Acteão, um caçador habilidoso. Um dia, andando pela floresta, ele se depara acidentalmente com uma gruta onde a deusa Diana estava se banhando nua com suas ninfas. Acteão viu o que nenhum mortal deveria ver: a intimidade divina desprotegida.

Naquele momento, ele teve uma escolha moral. Ele poderia ter desviado o olhar. Poderia ter recuado em respeito ao pudor alheio. Mas ele olhou. Ele violou a privacidade da deusa com seus olhos. A punição foi imediata: Diana jogou água sobre ele e o transformou em um cervo. Acteão perdeu sua forma humana, perdeu a fala e, incapaz de se comunicar, foi despedaçado pelos seus próprios cães de caça.

Essa metáfora é brutal, mas necessária. Quando nossos alunos escolhem olhar, salvar e compartilhar a intimidade exposta de um colega, eles perdem a humanidade. Eles se tornam, como Acteão, animais guiados apenas pelo instinto de curiosidade e domínio. E, eventualmente, eles mesmos são devorados pelos cães da matilha digital que ajudaram a alimentar.

Qual é o antídoto para essa barbárie? É o respeito. Mas não o respeito protocolar do "bom dia, professor". Falo do Respeito à Dignidade Humana. O respeito, ainda que não seja uma virtude cardeal, ele deriva diretamente da Justiça e da Prudência: tratar os outros com respeito é essencial para a justiça, que envolve dar a cada um o que é devido e reconhecer seu valor intrínseco, assim como a sabedoria prática de saber como agir corretamente em relação aos outros exige respeito mútuo.

Vivemos na sociedade do "tudo para fora". Ensinar respeito é ensinar que nem tudo que pode ser visto deve ser visto. É ensinar o autocontrole dos olhos e dos dedos. O clique é um ato moral. O print se torna uma arma.

Eu sei... a dúvida surge logo de imediato: Como ensinamos isso para uma geração que vive de *likes*? Precisamos humanizar o *pixel*. Precisamos fazer o aluno entender que aquela imagem na tela não é um personagem de videogame ou um objeto de consumo; é uma pessoa com pai, mãe, medos e futuro.

Gosto de usar em sala de aula o conceito do "Teste do Outdoor", mas com uma virada empática. Pergunto a eles: "Se você encontrasse a carteira do seu colega aberta no chão, com dinheiro e fotos da família, você tiraria foto

e mandaria no grupo zombando? Ou você fecharia e devolveria?" Todos dizem que devolveriam. "Então, por que, quando você recebe uma foto íntima que 'caiu' no grupo, você acha que tem o direito de olhar e repassar? A intimidade dele é mais valiosa que o dinheiro na carteira."

Precisamos ensinar a Ética do Guardião. Devemos dizer aos nossos alunos: "Se uma imagem íntima chegar ao seu celular, você tem o poder de ser o fim da linha. Você pode ser o guardião da dignidade daquela pessoa. Você não abre, você apaga e você avisa quem mandou: 'Isso é crime e isso é cruel. Não me mande mais'."

Isso exige uma coragem imensa (voltamos à Carta 04), mas é a única forma de parar o sangramento. Além disso, precisamos combater a cultura do *exposed*. Essas contas anônimas de fofoca escolar não são jornalismo ou justiça; são tribunais de exceção. Precisamos mostrar que quem consome a fofoca é tão culpado quanto quem a produz. Sem plateia, não há espetáculo.

Professor, a escola precisa ser o lugar onde o corpo e a imagem voltam a ser sagrados. Em um mundo que quer transformar tudo em mercadoria e entretenimento, lembrando aquele episódio assustador de Black Mirror onde todos são gravados o tempo todo, a sala de aula deve ser um santuário de confiança.

Se conseguirmos ensinar um aluno a desviar o olhar em sinal de respeito; se conseguirmos ensinar uma aluna a não repassar o *print* da fofoca; teremos salvo não apenas a vítima da exposição, mas a humanidade do observador.

Não vamos deixar que nossos alunos sejam devorados pelos próprios cães. Vamos ensiná-los a

respeitar a deusa, e o colega, na floresta.

Um abraço respeitoso,

Seu colega, Dênis Júlio

carta
oito



Cancelamento
vs. Amabilidade

Cancelamento vs. Amabilidade

Caro professor,

Se você já entrou em uma sala de aula de Ensino Médio numa segunda-feira de manhã e sentiu o ar pesado, carregado de uma eletricidade estática ruim, você sabe do que vou falar hoje. Você olha para os grupos e percebe que as fronteiras mudaram. Alguém foi excluído.

Antigamente, as brigas escolares eram físicas ou verbais, e geralmente terminavam na diretoria com um aperto de mão forçado. Hoje, a dinâmica é outra. Hoje, nossos alunos vivem sob a sombra permanente do

Cancelamento.

Não falo apenas do cancelamento de celebridades, que eles acompanham como quem assiste a um esporte sangrento na arena romana. Falo do cancelamento micro, aquele que acontece no grupo de WhatsApp da turma do 1º ano B. Falo daquele aluno que cometeu um erro, falou uma bobagem, usou um termo errado, vestiu uma roupa estranha, e, em questão de minutos, foi decretado como *persona non grata*. Ele não foi apenas criticado; ele foi deletado socialmente.



Minha pesquisa e a observação do cotidiano escolar mostram que o ciberespaço ressuscitou uma prática medieval: o escracho público, o pelourinho. Mas com uma diferença crucial: a escala.

Há um episódio da série *Black Mirror* (2016) chamado "Odiados pela Nação" (*Hated in the Nation*) que eu costumo recomendar aos professores, embora seja

difícil de assistir. Nele, as pessoas usam uma *hashtag* (#MorteA) para votar em quem elas querem que morra naquele dia. É um jogo. As pessoas votam do sofá, tomando café, rindo. Elas não sentem o peso do voto, porque são apenas um clique no meio de milhões. Mas a vítima morre de verdade.

O episódio é uma metáfora brutal da irresponsabilidade coletiva do cancelamento. Quando nossos alunos se juntam para cancelar um colega, eles sentem uma espécie de embriaguez moral. Eles se sentem os "Justiceiros", os "Puros", os "Bons". O cancelamento lhes dá uma sensação de pertencimento: "Nós, os certos, contra ele, o errado".

O problema, colega, é que essa justiça não busca a reparação do erro; ela busca a eliminação do errante. Ela não quer que o colega aprenda; ela quer que ele desapareça.

Arthur Miller (1997), em sua peça clássica *As Bruxas de Salem*, retratou como uma comunidade pode ser tomada por uma histeria coletiva onde acusar o vizinho é a única forma de provar a própria pureza. Nossos alunos vivem numa Salem digital. Eles têm medo de falar, medo de perguntar, medo de discordar, porque sabem que qualquer passo em falso pode transformá-los na próxima "bruxa" a ser queimada na fogueira dos *stories*.

Esse clima de terror inibe o aprendizado. Ninguém aprende pisando em ovos. A escola precisa ser um lugar onde é seguro errar, porque é no erro que a correção pedagógica acontece. Se o erro é punido com a morte social, o aprendizado cessa e dá lugar à hipocrisia e ao silêncio.

Então, qual é o antídoto para esse veneno? Qual é a virtude que precisamos resgatar da poeira dos livros antigos para sanear esse ambiente tóxico? É a virtude da **Amabilidade (ou Afabilidade)**.

Eu sei, a palavra parece fofa demais. Parece coisa de gente que não tem firmeza. Mas não se engane. A amabilidade aristotélica é uma virtude de guerreiros sociais. Na *Ética a Nicômaco*, Aristóteles (1991) descreve essa virtude (que ele diz não ter um nome muito preciso, mas que se assemelha à amizade) como o meio-termo dourado na convivência social.

De um lado (o excesso), temos o adulator: aquele que concorda com tudo, que elogia o tempo todo para ser aceito, que não tem espinha dorsal. É o aluno que dá *like* em tudo para não ser cancelado. Do outro lado (a falta), temos o contencioso (ou ranzinza): aquele que se orgulha de falar a verdade na cara, que não se importa se vai magoar, que acha que ser autêntico é ser cruel. É o cancelador. No meio, está o homem amável.

O homem amável não é o bonzinho bobo. Aristóteles diz que o homem amável é aquele que aceita e desaprova as coisas da maneira certa e pelos motivos certos. Ele sabe conviver. Ele sabe que a vida em sociedade exige um óleo para que as engrenagens não ranjam até quebrar. Ele entende que o outro é um ser humano com dignidade, mesmo quando o outro está errado.

Ensinar Amabilidade na era do ódio é um ato contracultural revolucionário. É ensinar que existe uma diferença abissal entre crítica e ataque. A crítica foca no

problema: "isso que você disse foi preconceituoso e machucou". O ataque foca na pessoa: "você é um lixo, um monstro, devia morrer".

Como trazemos isso para o chão da sala de aula? Como desmontamos o tribunal? Primeiro, precisamos ensinar a técnica do "Chamado Privado" (*call-in*) versus o "Chamado Público" (*call-out*).

Devemos dizer aos nossos alunos: "Se você realmente quer que seu colega melhore, se o seu objetivo é a justiça e não o show, você o chama no privado. Você conversa. Você explica o erro. Você dá a chance dele se corrigir. Isso é amabilidade. Isso é eficaz. Agora, se você expõe o erro dele no grupo para todo mundo ver, se você faz um *print* para ridicularizar, seu objetivo não é a justiça. Seu objetivo é o aplauso. Seu objetivo é sinalizar a sua própria virtude pisando na cabeça de outro. E isso, na nossa escola, nós não toleramos."

Gosto de propor aos alunos o desafio das "Três Peneiras" (frequentemente atribuídas a Sócrates, embora a origem seja incerta, a sabedoria é válida). Antes de postar um comentário duro ou repassar uma crítica, o aluno deve se perguntar:

1. É Verdade? (Já checamos na Carta 06).
2. É Bom? (Vai ajudar alguém ou só ferir?).
3. É Necessário? (Precisa ser dito agora? Precisa ser dito por mim? Precisa ser dito em público?).

Se não passar pelas três peneiras, o botão de "enviar" não deve ser apertado.

Além disso, precisamos falar sobre o **perdão**. A cultura do cancelamento é uma cultura sem redenção. Ela diz que o seu pior *tweet* de dez anos atrás define quem você é para sempre. A escola precisa ser o oposto disso. A escola é o lugar da segunda chance por excelência. Se não acreditássemos que as pessoas podem mudar e aprender, nossa profissão não faria sentido.

Precisamos criar em nossas turmas zonas livres de cancelamento. Acordos de convivência onde estabelecemos que, aqui dentro, nós discordamos, nós debatemos, nós ficamos bravos, mas nós não deletamos ninguém. Nós não tratamos ninguém como lixo descartável.

Colega, o mundo lá fora está viciado em ódio. O algoritmo lucra com a polarização. O ódio engaja mais que o amor. Se nossos alunos saírem da escola reproduzindo essa lógica, nós falhamos na nossa missão civilizatória.

Ensinar a amabilidade é ensinar a arte de construir pontes onde o mundo só quer construir muros. É difícil. Às vezes, dá vontade de desistir e deixar que se devorem. Mas aí eu lembro daquele aluno que, depois de uma aula sobre isso, pediu desculpas no grupo. E vejo que a neblina pode, sim, ser dissipada.

Vamos transformar nossos tribunais em rodas de conversa?

Um abraço fraterno,

Seu colega, professor Dênis Júlio

carta
nove

Impulsividade
vs. Temperança

Impulsividade vs. Temperança

Professor,

Quantas vezes, na sua trajetória docente, você já teve que mediar um conflito que começou com a seguinte frase: "Eu não pensei, professor. Foi na hora da raiva"?

Tenho certeza de que essa é uma das justificativas mais frequentes na sala de coordenação da sua Escola. E, se formos honestos, é uma justificativa que nós, adultos, também usamos quando mandamos aquele e-mail ríspido para a direção ou aquela resposta atravessada no grupo da família.

O problema é que, no mundo analógico, a hora da raiva tinha atritos físicos. Para ofender alguém, você precisava encontrar a pessoa, ou escrever uma carta, colocar no correio... Havia tempo para o sangue esfriar. Havia tempo para a razão retomar o controle do volante.

No mundo digital, a fricção desapareceu. O tempo entre o estímulo (o *post* que me irritou) e a resposta (o meu comentário destruidor) é de milissegundos. O design das redes sociais foi arquitetado para eliminar qualquer barreira ao pensamento. Eles querem a nossa reação visceral, porque a reação visceral mantém os olhos na tela. O resultado disso é que nossos alunos estão vivendo em um estado de impulsividade crônica.

Minha pesquisa apontou que muitos dos atos de incivilidade on-line, o *cyberbullying*, o compartilhamento de *fake news*, o comentário preconceituoso, não nascem de uma maldade planejada. Eles nascem de um "curto-

circuito". O aluno vê, sente e reage. Ele pula a etapa que nos define como humanos: o intervalo entre o sentir e o agir.

Eles estão sofrendo do que gosto de chamar de Síndrome do Incrível Hulk. Você conhece o personagem. O cientista Bruce Banner é um homem genial e ético. Mas, quando a raiva toma conta, ele se transforma no Hulk. O Hulk não pensa; ele esmaga. Ele é pura reação. E, quando Bruce Banner acorda no dia seguinte, no meio dos escombros, ele sente uma culpa terrível, mas o estrago já está feito.

Nossos alunos são pequenos Bruce Banners com um dispositivo no bolso. Na sala de aula, são racionais. Mas, quando abrem os comentários do Instagram, o Hulk assume. Eles digitam coisas monstruosas que jamais teriam a coragem de dizer olhando nos olhos de alguém. Eles entram na Névoa Moral não porque não enxergam, mas porque estão cegos pela emoção.

Há outra referência da cultura pop que ajuda a visualizar isso: o filme *Divertida Mente*, da Pixar. Lembra-se da sala de controle? O drama do adolescente no ciberespaço é que o personagem Raiva, aquele baixinho vermelho, tomou conta do painel de controle e trancou a porta. E a internet fornece combustível infinito para ele.

Diante desse sequestro emocional, qual é a virtude que precisamos ensinar? É a virtude do autodomínio: a **Temperança**. Os gregos a chamavam de *sophrosyne*.

Muitas vezes, pensamos em temperança apenas como não comer ou beber demais. Mas ela é muito mais profunda. A temperança é a virtude que protege a nossa

liberdade interior. Aristóteles (1991) dizia que o homem destemperado (impulsivo) é um escravo, pois é arrastado por suas paixões como uma folha no vento. O homem temperante é livre, pois é ele quem decide quando e como agir, e não o seu estômago ou o seu fígado.

Ensinar temperança na era do clique é ensinar o aluno a criar, artificialmente, o tempo que a tecnologia roubou. É ensinar a reintroduzir o atrito. Gosto de dizer aos meus alunos que a maturidade digital não se mede pela velocidade da digitação, mas pela capacidade de não apertar "Enviar".

Como treinamos isso na prática? Como ajudamos o Bruce Banner a não virar o Hulk? Primeiro, precisamos ensinar a Regra dos 10 Segundos. É uma técnica simples, quase comportamental, mas que salva reputações. "Se você leu algo que te deixou com o coração acelerado ou com vontade de 'destruir' alguém... solte o celular. Literalmente. Coloque-o na mesa. Conte até dez. Respire."

A neurociência explica: quando sentimos raiva, sofremos o que se chama de "sequestro da amígdala" (*amygdala hijack*), termo cunhado por Daniel Goleman (1996), onde a emoção age antes da razão. Estudos mostram que a descarga química inicial dessa reação dura cerca de 6 segundos. Ao contar até dez, você ganha o tempo biológico necessário para essa onda baixar e o córtex pré-frontal (o nosso "Aristóteles interior") retomar o controle.

Segundo, precisamos incentivar o uso do Rascunho. O aluno quer escrever um textão de repúdio? Ótimo. Incentive-o a escrever. Mas não na caixa de comentários.

Peça para ele escrever no bloco de notas do celular. E esperar uma hora. Diga a ele: "Escreva tudo. Descarregue a raiva. Mas só envie depois de ler como se fosse a pessoa que vai receber." Na maioria das vezes, depois de uma hora, o texto é apagado. A ofensa é evitada. A temperança venceu a impulsividade.

Terceiro, precisamos desmistificar o *troll*. Muitos alunos acham que "*trollar*" é sinal de inteligência. Precisamos mostrar que o *troll* é, na verdade, um escravo. Ele é um escravo da reação alheia. Ele não age; ele reage. Pergunte aos alunos: "Quem está no controle? É você que usa o celular, ou é o celular que usa os seus botões emocionais para fazer você agir como um fantoche?".

Quando eles percebem que a sua raiva está sendo manipulada para gerar lucro para uma plataforma, um senso de dignidade desperta neles. Eles se sentem usados. Esse sentimento inicial de indignação é a matéria-prima que, se guiada pela razão, transforma-se em autonomia. O aluno deixa de reagir como uma marionete não apenas por orgulho, mas porque compreende, com prudência, que é livre para não ser escravo de um algoritmo.

Colega, a impulsividade é a marca da infância. A adolescência é a transição turbulenta onde aprendemos a controlar os impulsos. A internet nos convida a sermos eternas crianças birrentas. Nosso papel é sermos os guardiões da maturidade. É lembrá-los de que existe uma força maior do que a força de explodir: a força de se conter.

Um abraço sereno,

Seu colega professor, Dênis Júlio

carta
dez

A Bússola
Definitiva

A Bússola Definitiva

Caro colega,

Chegamos à nossa última carta antes de colocarmos, literalmente, a mão na massa. Percorremos um longo e sinuoso caminho até aqui. Conversamos sobre a névoa que cega nossos alunos, sobre a escola como um abrigo moral, e dissecamos virtudes essenciais como a Coragem, a Justiça, a Honestidade, o Respeito, a Amabilidade e a Temperança.

Neste momento, é provável que você esteja olhando para essa lista de virtudes como quem olha para uma caixa de ferramentas novinha em folha, brilhante e organizada. É uma sensação boa. Mas, se você for como eu, também deve estar sentindo uma pontada de ansiedade. Uma voz cética lá no fundo da mente que pergunta: "Certo, a teoria é linda. Mas a vida real é bagunçada. A vida real é suja. E se eu tiver que escolher entre duas virtudes? E se, para ser justo, eu tiver que ser desagradável (menos amável)? E se, para ter coragem, eu tiver que quebrar uma regra de lealdade (menos leal)? O que eu ensino ao meu aluno quando o certo não é óbvio?"

Essa, meu caro colega, é a pergunta de um milhão de dólares. É exatamente nesse ponto que a maioria dos programas de educação moral e socioemocional falha. Eles entregam aos alunos uma lista de valores como se fossem ingredientes de um bolo que sempre combinam perfeitamente. Mas a vida humana não é uma receita de bolo; a vida é um dilema constante, improvisado e urgente.

No meu estudo de campo, vi alunos travados exatamente nesse cruzamento. Eles não eram maus meninos querendo fazer o errado. Pelo contrário, eles queriam ser bons, mas não sabiam qual bondade priorizar. "Devo ser leal ao meu amigo que errou (Lealdade) ou leal à verdade dos fatos (Honestidade)? Devo denunciar o *cyberbullying* para proteger a vítima (Justiça) ou devo ficar calado para não expor ainda mais a pessoa e causar um escândalo (Prudência/Cuidado)?"

Quando as virtudes entram em guerra, o aluno paralisa. Ele volta para a Névoa Moral. Para desatar esse nó, Aristóteles (1991) não nos deixou mais uma regra. Ele nos legou a rainha de todas as virtudes. A virtude intelectual que rege, organiza e calibra todas as outras virtudes morais. Ele a chamou de *Phronesis* (já introduzimos ela na carta três, lembra?). Nós a traduzimos, muitas vezes de forma empobrecida, como **Prudência**.

No senso comum do século XXI, ser prudente virou sinônimo de ser medroso, excessivamente cauteloso, aquele que não corre riscos, o burocrata da vida. Mas a *phronesis* é algo muito mais vibrante, ativo e perigoso. Ela é a **Sabedoria Prática**.

Para explicar isso aos alunos (e para nós mesmos), gosto de usar uma referência da cultura pop recente que trouxe a filosofia moral para o horário nobre: a série *The Good Place* (2017). Em vários episódios, os personagens são confrontados com o famoso "Dilema do Bonde" (*The Trolley Problem*).

Você conhece o cenário: um bonde desgovernado está indo em direção a cinco pessoas amarradas nos trilhos.

Você tem uma alavanca. Se puxar, o bonde desvia para outro trilho onde há apenas uma pessoa amarrada. O que você faz? Não fazer nada mata cinco. Agir mata um.

Na série, o personagem Chidi Anagonye, um professor de ética (olha a ironia!), conhece todas as teorias. Ele sabe o que Kant diria, o que Bentham diria, o que Aristóteles diria. Mas, quando colocado diante da alavanca, ele tem uma dor de barriga. Ele sua frio. Ele paralisa. Ele não consegue escolher porque está buscando uma "resposta perfeita" que não existe.

Nossos alunos são pequenos Chidis no ciberespaço. Eles travam porque acham que a ética é uma geometria, onde existe uma resposta exata para cada ângulo.

A Phronesis é a virtude que destrava o Chidi. Aristóteles (1991) fazia uma distinção genial entre *sophia* (Sabedoria Teórica) e *phronesis* (Sabedoria Prática). A *sophia* é a sabedoria do cientista ou do matemático. Ela lida com coisas que não mudam (2+2 sempre será 4, a gravidade sempre puxa para baixo). A *phronesis* é a sabedoria do navegador, do médico, do político. Ela lida com coisas que mudam o tempo todo. O mar muda, o paciente muda, a sociedade muda.

Imagine que as virtudes (Coragem, Justiça, Temperança) são os instrumentos de uma orquestra sinfônica. Cada um tem seu som, sua beleza e sua importância. Mas quem diz quando o violino deve entrar? Quem diz qual instrumento deve tocar fortíssimo agora e qual deve silenciar para dar espaço ao outro? É o maestro.

A *phronesis* é o maestro da vida moral. É a capacidade de olhar para uma situação concreta, única e irrepetível,

como um conflito complexo no grupo de WhatsApp da turma do 9º ano A, numa terça-feira chuvosa, e decidir qual é a "nota certa" para aquele momento específico.

É a *Phronesis* que sussurra no ouvido do aluno: "Neste momento, com este amigo que está fragilizado, a coisa certa é confrontá-lo sobre o erro dele (Justiça), mas devo fazer isso em particular, com voz baixa e acolhedora, para não humilhá-lo (Amabilidade)." Ou: "Nesta situação de *fake news* que está gerando pânico, a coisa certa não é atacar com raiva quem compartilhou (o que seria apenas Justiça cega), mas checar a fonte com calma e postar a correção de forma didática (Honestidade temperada com Prudência)."

Sem a *phronesis*, as virtudes enlouquecem e podem se tornar vícios:

- Coragem sem Prudência vira temeridade (loucura, colocar-se em risco inútil).
- Justiça sem Prudência vira crueldade (o rigorismo frio de quem pune sem olhar o contexto).
- Amabilidade sem Prudência vira falsidade ou bajulação.
- Honestidade sem Prudência vira grosseria ("sincericídio").

A Sabedoria Prática é o ajuste fino. É o que transforma um robô seguidor de regras em um ser humano ético. Agora, a pergunta que não quer calar: como ensinamos isso? Como se ensina algo que não tem regra fixa? Como se ensina o "tato", o "bom senso"?

A má notícia, colega, é que não existe um livro didático com o gabarito da vida (desculpa só te dizer isso agora, na última carta). Mas, não se desespere: a boa notícia é que a *phronesis* se treina. Ela é como um músculo: cresce com o esforço repetitivo de tomar decisões difíceis. A *phronesis* se desenvolve através da análise de Dilemas.

É por isso que a ferramenta final deste livro, que entrego a você agora, não é um cartaz de regras. É o Canvas de Planejamento de Dilemas.

Pense nele como um simulador de voo. Nenhum piloto aprende a lidar com uma turbulência grave lendo o manual durante a queda. Ele treina no simulador, em terra firme, centenas de vezes. Ele testa: "E se eu puxar o manche agora? E se eu desacelerar?". Ele desenvolve memória muscular e intuição decisória. O Canvas é o simulador de voo para a alma dos nossos alunos.

Quando você leva um dilema real para a sala de aula e pede para os alunos discutirem não o "o que" (a regra fria), mas o "como" e o "porquê" (a circunstância), você está treinando a *phronesis* deles.

Você está forçando-os a saírem do piloto automático moral. Você está ensinando que a ética não é preto no branco; ela é feita de infinitos tons de cinza, e é na capacidade de navegar nesse cinza sem perder a bússola do Bem que reside a verdadeira maturidade.

O algoritmo das redes sociais quer nossos alunos previsíveis, binários e reativos. O sistema quer que eles sejam "A" ou "B", *like* ou *dislike*, cancelador ou cancelado. A Sabedoria Prática é o ato de resistência final. É o que os torna humanos, complexos, imprevisíveis e,

fundamentalmente, livres.

Ao fechar esta série de cartas, meu desejo mais profundo não é que você tenha todas as respostas para os problemas digitais da sua escola. Isso seria arrogância da minha parte. Meu desejo é que você se sinta encorajado a fazer as perguntas certas junto com seus alunos.

Que você possa olhar para aquele mar de rostos iluminados pela luz azul das telas e não ver mais zumbis digitais ou problemas a serem contidos, mas sim uma orquestra em formação, esperando apenas que alguém suba no pódio, pegue a batuta e ensine a música. Esse maestro é você.

Agora, chega de teoria. Vamos para o simulador. Nas próximas páginas, apresento a ferramenta que desenvolvi para transformar toda essa filosofia em aula prática de segunda-feira de manhã.

Obrigado por me ler até aqui. A sala de aula, física e digital, é toda sua.

Um abraço fraterno e prudente,

Agora, seu amigo, Dênis Júlio



1. Cenário

2. Os atores

**4. Caminhos e
Consequências**

**3. Cabo de
guerra**

5. A escolha do maestro

Canvas de Dilemas

O Laboratório de Virtudes

Caro amigo,

Agora que você tem o mapa (as Virtudes) e a bússola (a Prudência), precisamos do leme. De nada adianta sabermos a teoria se, na hora que o incêndio começa no grupo de WhatsApp, não soubermos para onde correr.

Na página anterior, apresentei a imagem do Canvas de Planejamento de Dilemas Digitais. Ele não é uma folha de exercícios para ser preenchida burocraticamente valendo nota. Pense nele como um tabuleiro de jogo ou um simulador de voo.

O objetivo do Canvas é desacelerar o pensamento do aluno. É forçá-lo a sair do piloto automático (reação emocional rápida) e entrar no modo de deliberação (reflexão ética lenta). Abaixo, ensino você a guiar sua turma através das 5 etapas dessa ferramenta.

1. O Cenário (Os Fatos)

- **O que pedir ao aluno:** "Descreva o que aconteceu como se fosse uma câmera de segurança, sem julgar ainda."
- **O objetivo:** Separar fatos de interpretações. Muitas vezes, o conflito nasce de um mal-entendido.
- **A pergunta chave:** O que exatamente foi postado/dito? Onde? Quando?

2. Os Atores

- **O que pedir ao aluno:** "Quem está envolvido nessa cena? Não pense só no agressor e na vítima. Pense em quem está assistindo."
- **O objetivo:** Mapear o impacto humano. Fazer o aluno "calçar os sapatos" de cada envolvido.
- **A pergunta chave:** Quem vai se machucar com isso? Quem está rindo? Quem está em silêncio?

3. O Cabo de Guerra (O Conflito de Virtudes)

- **O que pedir ao aluno:** "Quais valores bons estão brigando aqui? Não é o Bem contra o Mal (isso é fácil). É o Bem contra o Bem."
- **O objetivo:** Identificar o dilema real. Geralmente, é um conflito entre Lealdade (ao grupo/amigo) e Justiça (o certo a fazer) ou entre Liberdade de Expressão e Respeito.
- **A pergunta chave:** Se eu fizer X, que valor eu protejo? Se eu fizer Y, que valor eu quebro?

4. Caminhos e Consequências (A Simulação)

- **O que pedir ao aluno:** "Se você apertar o botão *Play* na Opção A, o que acontece daqui a 1 hora? E daqui a 1 mês?"
- **O objetivo:** Ensinar e mostrar que toda ação gera uma reação em cadeia: às vezes, imediatamente, mas, quase sempre, em longo prazo.
- **A pergunta chave:** O problema se resolve ou aumenta?

5. A Escolha do Maestro (*Phronesis*)

- **O que pedir ao aluno:** "Agora, com sabedoria, qual é a terceira via? Qual é a solução criativa que resolve o problema causando o menor dano possível?"
- **O objetivo:** Encontrar a ação prudente.
- **A pergunta chave:** Como agir com coragem, mas sem crueldade? Como ser leal, mas sem ser cúmplice?

Estudos de Caso: o Canvas na Prática

Para que você se sinta seguro ao aplicar a dinâmica, preparei dois exemplos resolvidos. Você pode usá-los como modelo para explicar à turma antes de eles criarem os seus próprios dilemas.

CASO 01: O Dilema da Lealdade Tóxica (Quando o agressor é o seu melhor amigo)

1. O Cenário: No grupo da turma, o aluno Lucas postou um meme ridicularizando a aparência da aluna Carla. Vários colegas reagiram com risadas. Eu (João) sou o melhor amigo do Lucas e vi tudo.

2. Os Atores:

- João (Eu): Dividido entre a amizade e a consciência.
- Lucas (Agressor): Meu amigo, que está agindo mal.
- Carla (Vítima): Tímida, está sendo humilhada publicamente.

3. O Cabo de Guerra: lealdade (proteger meu amigo) vs. justiça (defender a dignidade da Carla).

4. Caminhos e Consequências:

- **Opção A (Omissão):** Finjo que não vi. **Resultado:** Lucas continua. Carla sofre. Eu me sinto covarde.
- **Opção B (Ataque Público):** Xingo o Lucas no grupo. **Resultado:** Lucas fica defensivo. A amizade acaba. O grupo vira um caos.
- **Opção C (Apoio Silencioso):** Só falo com a Carla. **Resultado:** Carla se sente melhor, mas o Lucas não aprende e pode fazer de novo

5. A Escolha do Maestro (Solução Prudente):

- **Ação:** Chamar o Lucas no privado (não no grupo) imediatamente.
- **Script:** "Cara, sou seu irmão, mas isso que você postou foi vacilo. A Carla não merece. Apaga isso antes que dê ruim pra você e pra ela. Na moral."
- **Por que funciona?** É a Lealdade Virtuosa. Você corrige o amigo para salvá-lo do erro, sem humilhá-lo em público, e protege a vítima removendo a agressão.

CASO 02: O Dilema da Honestidade Intelectual (O uso indevido da Inteligência Artificial)

1. O Cenário: O professor pediu um ensaio crítico. Meu grupo de trabalho decidiu pedir para a IA escrever o texto todo e apenas copiar e colar, sem ler ou revisar, para "livrar-se" da tarefa rápido.

2. Os Atores:

- Marina (Eu): Quero aprender e tenho medo da nota zero.
- O Grupo: 4 colegas que querem o caminho mais fácil.
- O Professor: Que confia na honestidade da turma.

3. O Cabo de Guerra: amabilidade (não ser a chata do grupo) vs. honestidade (compromisso com a verdade).

4. Caminhos e Consequências:

- **Opção A (Conivência):** Aceito e assino o meu nome. **Resultado:** Não aprendo nada. Risco alto de plágio detectado. Sinto-me uma fraude.
- **Opção B (Ruptura):** Digo "Estou fora" e faço sozinha. **Resultado:** Inimizade com o grupo. Fico isolada. Sobrecarga de trabalho.

5. A Escolha do Maestro (Solução Prudente):

- **Ação:** Assumir a liderança e propor um uso ético da ferramenta.

- **Script:** "Galera, se a gente só copiar, o professor vai rodar nosso trabalho no detector e vamos tirar zero. Vamos usar a IA só para dar ideias de tópicos, mas a gente escreve o texto real? Eu topo revisar o final."
- **Por que funciona?** É a Honestidade Temperada. Você não rejeita a tecnologia (o que seria antiquado), mas a coloca a serviço da mente humana. Evita a briga direta (Amabilidade), mas garante a integridade (Justiça).

Amigo, este Canvas é o início da autonomia moral deles. No começo, eles precisarão desse papel e da sua ajuda. Com o tempo, esperamos que esse desenho mental fique gravado neles, e que a Phronesis se torne automática.

Bom trabalho e boa "pilotagem"!

**kit de
sobrevivência**



Como aplicar a Ciberética amanhã de manhã?

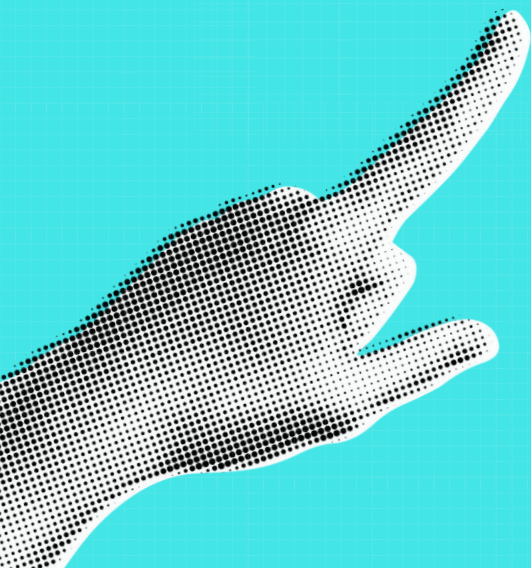
Colega, sabemos que o tempo é curto. Se você precisa de uma intervenção rápida para lidar com um problema que surgiu na turma, siga este roteiro de 3 passos.

A PREPARAÇÃO (Antes da aula)

- **Escolha o Dilema:** Você pode se inspirar nos casos relatados nas cartas, mas também pode usar uma caixinha de perguntas anônimas na sala para coletar casos reais da sua escola e use-os no Canvas. Nada engaja mais do que a realidade deles.
- **Prepare o Terreno:** Particularmente, preencha você mesmo o Canva a partir das informações sobre o dilema eleito. Isso te preparará para as dúvidas ou provocações do estudantes.
- **Imprima o Canvas:** Garanta uma cópia do Canvas de Planejamento para cada grupo de 4 ou 5 alunos (ou desenhe a estrutura na lousa). Segue um QR Code abaixo que te levará para uma versão do Canva e tamanho A4 para download.



Escaneie o QR Code ou
clique **aqui** para realizar
o download do Canva
em tamanho A4.



A EXECUÇÃO (Durante a aula ~ 50min)

- **O Gancho (10min):** Não comece dando sermão. Comece contando a história. Ao aplicar o Canvas, resista à tentação de dar a resposta certa imediatamente. Deixe eles debaterem. Deixe eles percorrerem os caminhos errados na simulação para verem onde vai dar.
- **O Laboratório (25min):** Divida a turma em grupos e entregue o Canvas. Peça para preencherem os campos 1, 2 e 3: O que realmente aconteceu? (Cenário); Quem está sofrendo? Quem está vendo? Quem praticou? (Atores); Quais valores estão brigando? (Cabo de Guerra).
- **A Decisão do Maestro (15min):** Peça para os grupos simularem as consequências (Campo 4) e chegarem a uma conclusão final (Campo 5). O Desafio é: encontrar uma solução que resolva o problema de maneira mais virtuosa.

O FECHAMENTO

Peça que um representante de cada grupo leia a sua "Escolha do Maestro". Valide as soluções que priorizaram a virtude e encerre a aula reforçando o conceito-chave da Ciberética.



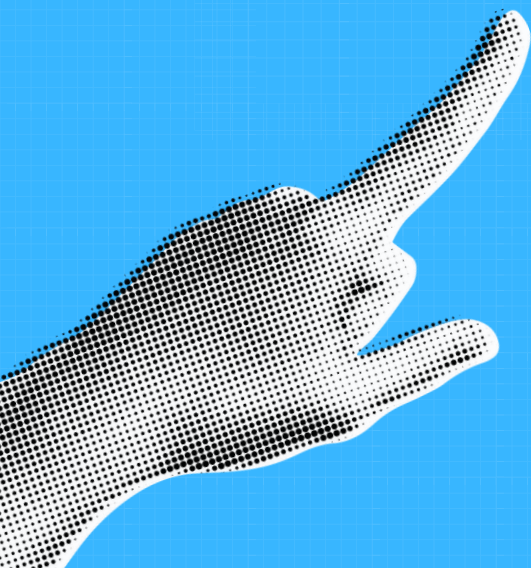
Rubrica de Avaliação Leve

Como avaliar os alunos sem burocratizar a ética?
Não dê nota pela opinião, mas pela qualidade da reflexão.
Use estes 3 indicadores simples para avaliar o
preenchimento do Canvas ou a participação no debate:

Critério	INICIANTE (Precisa de apoio)	PRATICANTE (Caminho Certo)	MESTRE (<i>Phronesis</i>)
Visão de Conflito	Viu apenas um lado (geralmente o próprio ou do amigo).	Identificou que existem dois lados, mas focou nas regras.	Percebeu o conflito entre valores (ex: Lealdade vs. Justiça).
Solução Proposta	Propôs inação ("não faria nada") ou retaliação.	Propôs seguir a regra fria ("contar para a diretora").	Propôs uma solução criativa que protege a vítima e educa o agressor.
Postura no Debate	Riu, debochou ou se omitiu durante a atividade.	Participou, mas teve dificuldade em ouvir os colegas.	Ouviu com respeito e ajudou o grupo a chegar num consenso.



Escaneie o QR Code ou
clique **aqui** para realizar
o download da Rúbrica
em tamanho A4.



A

- **Algoritmo:** Sequência de regras matemáticas que definem o que vemos nas redes sociais. No livro, discutimos como eles podem manipular nossas emoções e criar "bolhas".
- **Alétheia:** Termo grego para "verdade" (o ato de desvelar, tirar o véu). É o antídoto contra as *fake news*.
- **Amabilidade:** Virtude social (o meio-termo aristotélico) que torna o convívio agradável. É o oposto de ser um hater ou um adulator.
- **Asset:** Recurso ou ativo digital. Pode ser uma imagem, um vídeo ou qualquer "bem" valorizado no ambiente virtual.

B

- **Bets:** Plataformas de apostas on-line. Representam um risco crescente de vício e falta de temperança entre os jovens.
- **Boss:** "Chefão" de fase em jogos eletrônicos. Metáfora para os grandes desafios éticos que o aluno enfrenta.
- **Bytes:** Unidade de informação digital. É a "matéria-prima" do ciberespaço.

C

- **Call-in:** O ato de chamar alguém para uma conversa privada e corrigir um erro com respeito. A alternativa virtuosa ao cancelamento.
- **Call-out:** O ato de denunciar ou expor alguém publicamente nas redes. Frequentemente associado ao linchamento virtual.
- **Cancelamento:** Prática de excluir ou boicotar socialmente alguém devido a uma postura considerada inaceitável. Uma forma moderna de ostracismo.
- **Canva:** Ferramenta de design gráfico on-line. Usada neste projeto para criar o "Canvas de Planejamento de Dilemas".
- **ChatGPT:** Ferramenta de Inteligência Artificial generativa. Exige prudência e honestidade intelectual no uso escolar.
- **Cíberespaço:** O ambiente virtual onde ocorrem as interações digitais. A nova pólis (cidade) onde exercemos nossa cidadania.
- **Ciberética:** O estudo e a prática da ética aplicada ao ambiente digital. Nome da pesquisa que originou este livro.
- **Coragem:** Virtude que nos leva a agir corretamente diante do medo. No digital, é o que transforma um espectador passivo em um defensor (*upstander*).
- **Cyberbullying:** Uso da tecnologia para assediar, ameaçar ou humilhar alguém repetidamente.
- **Cyber-wisdom:** "Sabedoria Digital". É a aplicação da *Phronesis* (sabedoria prática) ao uso da internet. O objetivo final deste material.

D

- **Deepfake:** Vídeo ou áudio manipulado por IA para parecer real. Um grave desafio à verdade e à imagem pessoal.
- **Deontologia:** Ética baseada no dever e nas regras ("É proibido porque a lei diz"). Necessária, mas insuficiente para lidar com a complexidade digital.
- **Direct Message (DM):** Mensagem direta e privada. O espaço ideal para exercer a virtude da correção fraterna (*call-in*).
- **Discord:** Plataforma de comunicação muito popular entre *gamers*. Frequentemente citada como local de interações sem supervisão.
- **Dislike:** Botão de desaprovação. Uma forma rápida de julgamento digital.

E

- **Emojis:** Ícones usados para expressar emoções. Ajudam, mas podem simplificar demais a comunicação de sentimentos complexos.
- **Ethos:** O caráter, o clima ou a cultura moral de um grupo. O "ar" que se respira na escola ou em uma comunidade digital.
- **Ética das Virtudes:** Tradição filosófica (focada em Aristóteles) que prioriza o desenvolvimento do caráter ("quem eu sou") em vez de apenas seguir regras.
- **Exposed:** A prática de expor segredos ou erros de alguém publicamente nas redes (fazer um "*exposed*").

F

- **Fact-checking:** Checagem de fatos. Habilidade essencial da virtude da honestidade intelectual.
- **Fake news:** Notícias falsas ou desinformação deliberada. Um vício contra a verdade.
- **Firewall:** Barreira de segurança digital. Metáfora para os filtros morais que devemos ter em nossa mente.

G

- **Geração Z:** Jovens nascidos entre meados dos anos 90 e 2010. Os "nativos digitais" que são o foco deste trabalho.
- **GPS:** Sistema de posicionamento global. Metáfora para a bússola moral que nos guia.

H

- **Haters:** Pessoas que usam a internet para atacar e disseminar ódio. O oposto da amabilidade.
- **Hardware:** A parte física do computador (máquina). Sem o "*software*" moral (valores), é apenas uma ferramenta vazia.
- **Hashtag:** Símbolo (#) usado para agrupar temas.
- **Honestidade:** Virtude de amar e respeitar a verdade, mesmo quando ninguém está olhando.

I

- **IA (Inteligência Artificial):** Sistemas que simulam a inteligência humana. Desafiam nossa definição de autoria e criatividade.
- **Influencer:** Pessoa com capacidade de influenciar comportamentos nas redes. Um modelo de conduta (bom ou mau).

J

- **Justiça:** Virtude de dar a cada um o que é seu. No digital, envolve respeitar a reputação e os direitos dos outros.

L

- **Likes:** Curtidas. A "moeda" de aprovação social na internet, que pode viciar e afetar a autoestima.

M

- **Matrix:** Filme que serve de metáfora para a ilusão do mundo digital e a necessidade de "acordar" para a realidade.
- **Meme:** Ideia, imagem ou piada que se espalha rapidamente pela internet. A linguagem cultural da Geração Z.

N

- **Nativos digitais:** Pessoas que cresceram com a internet. Têm facilidade técnica, mas não necessariamente sabedoria ética.
- **Névoa Moral:** A confusão e a ambiguidade causadas pelo ambiente on-line, que dificultam o julgamento ético imediato.
- **Nick:** Apelido de usuário. Muitas vezes usado como escudo para o anonimato.
- **Nudes:** Fotos íntimas. O seu compartilhamento não consentido é um delito moral grave.

O

- **Orkut:** Antiga rede social. Lembrança de que as plataformas mudam, mas os comportamentos humanos permanecem.

P

- **Paralisia reflexiva:** O estado de travar ou não saber como agir diante de um dilema ético on-line (efeito da Névoa Moral).
- **Phronesis:** Palavra grega para "Sabedoria Prática". A capacidade de julgar e agir corretamente em situações concretas. A virtude do professor.
- **Pixels:** Os pontos que formam a imagem na tela.
- **Pop:** Cultura popular.
- **Post:** Publicação. Um ato de fala no mundo digital.

- **Print:** Captura de tela. Prova de que, na internet, as ações podem ser eternas.
- **Prudência:** Tradução latina de *Phronesis*. A mãe de todas as virtudes.
- **Python:** Linguagem de programação. Representa o conhecimento técnico (*Techne*), que é diferente do conhecimento moral.

R

- **Respeito:** Reconhecer a dignidade do outro, mesmo através de uma tela.

S

- **Script:** Roteiro ou código. Metáfora para os comportamentos automáticos que seguimos.
- **Softwares:** Programas de computador. Metáfora para os valores e crenças que "rodam" em nossa mente.
- **Sophia:** Sabedoria teórica/filosófica. Diferente da *Phronesis* (prática).
- **Sophrosyne:** Palavra grega para Temperança. Moderação e autodomínio.
- **Sticker:** Figurinhas usadas em mensagens.
- **Stories:** Publicações que somem em 24h. Estimulam o imediatismo e a ansiedade.

T

- **Techne:** Palavra grega para habilidade técnica ou arte. Saber como usar o computador (diferente de saber para que usar).
- **Temperança:** Virtude do autodomínio. Essencial para controlar o tempo de tela e os impulsos on-line.
- **TikTok:** Rede social de vídeos curtos. Associada à rapidez e à viralização.
- **Touchscreen:** Tela sensível ao toque. A barreira física entre nós e o mundo digital.
- **Trends:** Tendências virais. Exercem pressão para o conformismo social.
- **Troll:** Alguém que provoca discórdia na internet por diversão.
- **Trollagem:** O ato de agir como um troll. Um vício de comportamento.
- **Tweet:** Publicação curta (antigo Twitter, atual X). Favorece a impulsividade.

U

- **Upstanders:** Termo em inglês para "defensores". Aqueles que não ficam apenas olhando uma injustiça, mas agem.
- **Utilitarismo:** Teoria ética que foca nas consequências ("faço para não ser punido"). Comum, mas limitada para a formação do caráter.

V

- **Viralizar:** Espalhar-se rapidamente pela internet.
- **Virtude:** Uma excelência de caráter. Um hábito de fazer o bem que se adquire pela prática.

W

- **WhatsApp:** Aplicativo de mensagens. O principal canal de comunicação (e de conflitos) no Brasil.
- **Wi-fi:** Conexão sem fio à internet.

Y

- **Youtuber:** Criador de conteúdo em vídeo. Frequentemente visto como modelo ou ídolo pelos alunos.

REFERÊNCIAS

AGNEW, R. *Foundation for a general strain theory of crime and delinquency*. **Criminology**, v. 30, n. 1, p. 47-87, fev. 1992.

Disponível em:

<<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-9125.1992.tb01093.x>> Acesso em 20 nov. 2025.

ALIGHIERI, D. **A divina comédia**: edição de bolso.

Tradução de Italo Eugenio Mauro. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

BLACK MIRROR. **Odiados pela Nação (*Hated in the Nation*)**. Direção: James Hawes. Roteiro: Charlie Brooker. Temporada 3, episódio 6. [S. l.]: Netflix, 21 out. 2016.

COCKING, D.; VAN DEN HOVEN, J. **Evil online**. Oxford: Wiley Blackwell, 2018.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente. Tradução de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HARRISON, T. J. et al. **Educating Cyber-wisdom: A Feasibility Study**. *Birmingham*. University of Birmingham, Jubilee Centre for Character and Virtues, 2022. Disponível em:

<https://www.jubileecentre.ac.uk/media/news/article/6930/New-Report-Educating-Cyber-Wisdom-A-Feasibility-Study>. Acesso em 20 de set. 2023.

MAZIN, Craig. **Chernobyl: Episode 5 – “Vichnaya Pamyat”**. Roteiro (teleplay). 3 ago. 2018. Disponível em: <https://johnaugust.com/wp-content/uploads/2019/06/Chernobyl_Episode-5Vichnaya-Pamyat.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2026.

MILLER, A. **As bruxas de Salém**. Tradução de Valéria Chamon. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.

OVÍDIO. **Metamorfoses**. Tradução de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

PLATÃO. **A República**. Introd., trad. e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. 15. ed. Lisboa: Fundação

PUZO, M. **O Poderoso Chefão**. Tradução de Denise Bottmann. 48. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

ROWLING, J. K. **Harry Potter e a pedra filosofal**. Tradução de Lía Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SAFERNET BRASIL. **Mapeamento da SaferNet identifica deepfakes sexuais em escolas em 10 dos 27 estados**. SaferNet Brasil, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/mapeamento-da-safernet-identifica-deepfakes-sexuais-em-escolas-em-10-dos-27-estados>. Acesso em: 21 out. 2025.

THE GOOD PLACE. *The Trolley Problem* (O dilema do

bonde). Direção: Dean Holland. Roteiro: Josh Siegal; Dylan Morgan. Temporada 2, episódio 6. Estados Unidos: NBC, 19 out. 2017.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis: a sociedade do anel**. Tradução de Ronald Kyrmse. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2019.

Sobre o Autor



Dênis Júlio Pereira Francisco é graduado em Teologia e especialista em Educação Clássica pela Faculdade Internacional Cidade Viva (FICV), também é mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no Programa de Pós-Graduação em Inovação e Tecnologias Educacionais (PPgITE).

Atua diretamente na área da educação há 10 anos, como professor de Educação Tecnológica, Robótica e Educação Maker. Fundou a We Make, primeira editora do Brasil de Educação Tecnológica e Maker fundamentada na Cosmovisão Cristã. Casado com Gabi, pai de Luísa e Joaquim, Dênis também exerce a função pastoral, o que confere unidade entre sua vocação ministerial, sua prática educacional e sua produção acadêmica. Seu trabalho também pode ser acompanhado em suas redes sociais, onde compartilha reflexões e conteúdos relacionados à educação, tecnologia, fé e formação humana: no Instagram (@denisjulio) e no Substack "Sabedoria & Silício" (<https://denisjulio.substack.com>).



wemake.tec.br



contato@wemake.tec.br



@wemake.tec



facebook.com/wemake.tec